

ALICE MORALES MAES

**“MENINOS DE RUA” E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA:  
UM PROJETO DE INTEGRAÇÃO  
UNIVERSIDADE-COMUNIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada  
para obtenção do título de Mestre em  
Educação, na Universidade Federal do  
Paraná.

CURITIBA

1983

**ORIENTADOR:**

ZÉLIA MILLEÓ PAVÃO

Livre Docente em Estatística,  
pela UFPr.

**CONSULTORES:**

MARIA DO ROSÁRIO KNECHTEL

Doutora e Livre Docente em Edu-  
cação, pela PUC e UF Santa Maria.

ANTONIO LINEU CARNEIRO

Mestre em Educação, pela UFPr.

Ao meu marido

Pedro

Aos meus filhos

Luciana

Marcelo

## SUMÁRIO

Professores Orientadores.....	ii
Dedicatória.....	iii
Sumário.....	iv
Lista de quadros.....	vii
Resumo.....	viii
Summary.....	xi

## CAPÍTULO

### I - INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Abordagem Geral do Problema.....	1
Formulação e Delimitação do Problema.....	5
Variáveis do Estudo.....	8
Definição de Termos.....	9
Pressupostos Básicos.....	10
Objetivos.....	10

### II - REVISÃO DA LITERATURA

#### PARTE I

Meninos de Rua.....	13
Urbanização e Desordem.....	17
O Processo de Marginalização.....	20
O Menor no Ciclo da Marginalização.....	24

## CAPÍTULO

### PARTE II

Aspectos Gerais da Arte.....	27
A Necessidade da Arte.....	33

### PARTE III

A Arte e a Educação.....	36
A Arte e a Criança.....	37
A Educação Artística e a Criança.....	38
Os Meninos de Rua e a Arte.....	40

### PARTE IV

A Ação da FUNABEM.....	42
Alternativas de Atendimento.....	43
O Projeto da UNICEF.....	50

### III - METODOLOGIA

Introdução.....	56
Etapas do Estudo.....	56
Sujeitos da Pesquisa.....	57
Procedimentos Metodológicos.....	58

### IV - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Parte I do Instrumento.....	62
Parte II do Instrumento.....	67
Análise Conclusiva dos Dados.....	71

### V - A PROPOSTA

Introdução.....	73
Objetivos.....	76

## CAPÍTULO

Programa de Atividades.....	77
Metodologia.....	81
Implementação.....	87
CONCLUSÕES.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXO.....	97

## LISTA DE QUADROS

### QUADROS

1 - Causas remotas e imediatas do processo de marginalização do menor.....	26
2 - Caracterização dos respondentes.....	62
3 - Atividades ocupacionais dos pais.....	63
4 - Atividades ocupacionais dos meninos e sua permanência com a família.....	64
5 - Aspirações e visão de vida.....	65
6 - Escolaridade e aspirações profissionais....	66
7 - Meio de contato com a arte.....	67
8 - Motivo da participação e atividade preferida.....	68
9 - Aplicação da possível rentabilidade dos trabalhos artísticos.....	69
10 - Frequência e locais preferidos para as atividades.....	70

## RESUMO

Como os demais setores da Educação, as atividades artísticas visam à promoção humana e, portanto, não devem ser direcionadas apenas a uma elite privilegiada. Elas devem dirigir-se no sentido da construção do homem, tornando-se direito de todos.

Para a criança, em especial, as artes contribuem para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social e podem assegurar-lhe uma comunicação significativa consigo e com seu meio ambiente.

Por essas razões, elaborou-se uma proposta de atividades artísticas, porém, dirigida a um grupo especial de crianças: o dos meninos de rua, do centro de Curitiba.

Esses meninos são aqueles que, por motivos sócio-econômicos, estão nas ruas para conseguir condições de sobreviver. Atuam em diversas atividades, sem vínculo empregatício, como as de engraxate, lavador de carros, vendedor de flores, catador de papel e outras.

Nas ruas, seu local de trabalho, permanecem o dia todo e, às vezes, a noite. Quase sempre não têm condições de frequentar a escola. São, portanto, prejudicados na ampliação de suas potencialidades intelectuais, além de estarem sempre expostos aos perigos da desorganização social.



O presente trabalho está baseado no projeto de promoção humana do Fundo das Nações Unidas para a infância, cujo objetivo não é tirar das ruas a criança que nelas trabalha em busca da própria sobrevivência e até da família, mas dar-lhe condições de aumentar seu nível de qualidade de vida no próprio meio em que se encontram.

Nesse sentido é que se elaborou a proposta, a fim de se levar os benefícios das artes aos meninos de rua, que teriam oportunidade de uma dupla participação: de um lado, criar, executar suas concepções e promover-se; de outro, serem envolvidos e conduzidos a ambientes adequados à apreciação de atividades artísticas, como a dança, o teatro, exposições de arte, o cinema e outras.

Isso proporcionaria ao menino de rua, além do desenvolvimento de suas potencialidades, a descoberta de suas aptidões com possibilidades de profissionalização e, ainda, um local de encontro e socialização.

A fim de validar a proposta, foi feito um levantamento de dados por meio de um questionário, pelo qual se constatou o interesse de todos os meninos entrevistados em participar de atividades artísticas.

Obviamente o projeto não prescindirá da participação dos órgãos governamentais, dos recursos humanos a serem mobilizados, de espaços físicos requeridos e do apoio instrumental adequado.

Sugere-se a participação da UFPr para a integração do seu potencial educativo com a comunidade por meio dos es-

tudantes dos cursos de Educação Artística, Ciências Sociais e Pedagogia; da Fundação Cultural de Curitiba, pelo espaço físico de que dispõe para o funcionamento das atividades; e do Instituto de Assistência ao Menor da Secretaria do Estado de Saúde e Bem Estar Social, para o qual os recursos financeiros da UNICEF - necessários à implementação da proposta - são repassados.

Essa proposta, enfim, é uma alternativa para se conseguir a intensificação das relações da UFPr com a comunidade, por meio de sua participação num programa de valorização e desenvolvimento da criança sem recursos, que necessita lutar pela sobrevivência na cidade aberta: o "menino de rua" de Curitiba.

## SUMMARY

Artistic educational activities have human enhancement as their primary aim, by no means standing for an exclusive privilege of the elites: they should be directed to man's development in terms of a universal right. Youngsters, specially, may benefit from artistic activities as to their intellectual, affective and social development, by attaining both a consequential disclosure of themselves and a meaningful interaction with the cultural environment.

In view of the grounds above, a plan for artistic activities is proposed on behalf of a special class of youngsters: that of the street boys from down-town Curitiba.

Such boys, out of social and economic reasons, are bound to draw from the streets their daily subsistence by making do as shoe-polishers, car-washers, waste-paper retrievers, etc., with-out any legal employment guaranties.

In the streets, so much their work as living milieu, those boys spend the whole day and not seldom, the night. As a general rule, they are socially denied minimal conditions to attend school, thus being hampered in the systematic development of their intellectual potentialities, and moreover, remaining continually exposed to the dangers of social desorganization.

This study derives its basis from the United Nations International Children Emergency Fund's project for human pro-

motion, the main objective of which is not to remove the children from the streets, where they find means of surviving and helping their families, but to offer them conditions to improve the quality level of living in their own environment.

The proposed plan in this study follows the pointed orientation, as it aims at imparting the benefits of artistic activities to street boys, in a double perspective: in one hand trying to give them an opportunity to be creative by carrying out their ideas and expressing themselves; in the other hand, granting them a sharing experience in ambiances devoted to the staging and appreciation of artistic activities and means, such as dance, theater, films, etc. That way, the street boys would not only dispose of adequate conditions to discover and to develop their aptitudes, but to count on an environment of social participation, and possibly, of professional orientation.

In order to effect a previous validation of the plan, a survey was conducted by means of an oral questionnaire applied to a group of street boys; it yielded an unanimous interest from the boys to participate in artistic activities.

Obviously, the project presented in that study does necessarily rely upon public and governmental funding and help. Suggestions are made about the engagement of the Federal University of Paraná, in terms of an integration with the community through the cooperation of students from Artistic Education, Social Sciences and Pedagogy; of the Cultural Foundation of Curitiba, regarding the needed physical facilities; of the Institute for Assistance to the Minor, of the Paraná State's

Health and Social Well-Being Secretary, on account of the monetary resources transferred to it by UNICEF.

The envisioned project of this study, briefly, represents an alternative to intensify the relations of the Federal University of Paraná with the community via a program for the educational valuing and development of that youngster struggling for his survival in the open city: the street boy of Curitiba.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO AO ESTUDO

#### 1. Abordagem geral do Problema

A educação no Brasil, apesar das grandes transformações sociais, econômicas e políticas, constitui um dos maiores desafios aos responsáveis pelo desenvolvimento do País.

Dados do Ministério de Educação e Cultura informam que dez milhões de crianças não recebem nenhuma espécie de educação escolar no Brasil. Os mesmos dados mostram ainda, que, 3.440.803 crianças atingiram a idade escolar no ano de 1979. Dessas, apenas 1.394.042 ingressaram na escola de 1º Grau. Da primeira para a segunda série foram eliminadas 818.710 crianças do processo escolar. Ou seja, *"64,3% ou não entraram na escola, ou dela foram excluídas antes da segunda série do 1º Grau"*.<sup>1</sup>

No decorrer de 1982 as despesas da família com as necessidades escolares de suas crianças, conforme dados do DIEESE, elevaram-se em 140% acima do aumento do custo de vida, embora a qualidade do ensino público tenha caído sensivelmente. Fato esse compreensível, uma vez que a dotação orçamentária da União para a educação vem caindo nos últimos a-

nos, tendo sido apenas de 5,3% em 1982, representando o segundo menor orçamento da América Latina para os assuntos da Educação.<sup>2</sup>

Entretanto, as causas determinantes dessa situação não estão vinculadas unicamente à ausência de recursos para o desenvolvimento do processo educacional, mas a vários outros fatos sociais, tais como: a política inadequada de industrialização do País, a crescente migração da zona rural para os centros urbanos, o descuido com incentivos consistentes à agricultura, a ausência de uma política humanista de empregos, a falta de tecnologia adequada ao desenvolvimento intensivo de mão-de-obra e de programas sociais capazes de corrigir os problemas do homem das regiões mais áridas do território nacional, o descaso com a saúde da população e o acelerado processo de marginalização sofrido pelas classes menos privilegiadas.

A evasão escolar conta, entre suas causas, com a necessidade que grande contingente da população escolarizável experimenta de lutar pela simples sobrevivência. Tal situação-limite ocorre acompanhada de outros fatores, como os problemas de saúde e de subnutrição e desnutrição, que não permitem à criança condições mínimas de aprendizagem. *"Como resultado dessas carências, as crianças tornam-se apáticas, desinteressadas, menos responsivas ao ambiente físico e social e apresentam deficiências quanto ao desenvolvimento de suas capacidades, como os comportamentos adaptativo e motor".*<sup>3</sup>

Em quase 90% dos casos, os motivos alegados para o abandono da escola são assim distribuídos:<sup>4</sup>

- . dificuldades econômicas para a permanência na escola..... 16,9%
- . necessidade de trabalhar/trabalho precoce. 38,9%
- . desinteresse do aluno ou de sua família... 17,7%
- . carência de vagas escolares..... 7,5%
- . necessidade de assumir encargos domésticos. 8,3%

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é, sem qualquer dúvida, um instrumento político e legal que propõe a humanização do homem brasileiro e, conseqüentemente, a melhoria do nível de qualidade de vida humana no País.

Em seu Art. 1º, a Lei 5692/71 fixa que " o ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificando para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania".<sup>5</sup>

Com isso, a legislação apoia-se sobre o princípio de que a humanização do homem só é possível mediante o desenvolvimento e a preservação de seus direitos fundamentais: o de desenvolver-se plenamente, o de auto-realizar-se como pessoa humana dotada de um sentido para existir e o de participar no traçado dos destinos de seu povo.

*A auto-realização é um processo sem o qual nenhum ato educativo é possível. A educação como a cultura, é um processo de humanização do homem. Enquanto processo que leva ao auto-conhecimento e ao autodomínio, a edu-*



*cação possibilita, ao mesmo tempo a auto-realização. Nessa dinâmica, todavia, a auto-realização não resulta de uma conquista fortuita, consequência de um gesto isolado: ela é, antes, o resultado da interação que o homem mantém com o meio que o cerca. Na medida em que percebe o desafio do mundo circunstancial e o aceita, o homem passa a agir, ou melhor a interagir nesse mundo, gerando um processo dialético no qual o aprofundamento em si mesmo é, ao mesmo tempo, causa e efeito de sua atuação sobre o meio. Duplo é o resultado dessa interação: auto-conhecimento e auto-domínio de um lado, e criação de cultura, de outro. É a isso que chamamos humanização do homem: um processo através do qual ele se torna mais homem, mais humano. E o ato em si é educativo.*

A auto-realização não ocorre em termos do indivíduo isolado. É um processo que transforma não apenas o homem que a empreende, mas também o próprio meio da vida humana. Essa transformação do meio, entretanto, só se torna possível através do trabalho. Nesse sentido, a Lei 5692/71, propõe-se a uma ação humanista ao eleger a auto-realização, a qualificação para o trabalho e o exercício consciente da cidadania como objetivos que devem ser alcançados pela formação que a escola brasileira de 1º e 2º Graus tem por dever oferecer às crianças e adolescentes do País.

Para concretizar seus objetivos de maneira ampla e efetiva, a Lei prescreve que, paralelamente aos conteúdos de formação geral, ocorra uma parte de formação especial, com conteúdos que possibilitem a sondagem de aptidões e a preparação para o trabalho no 1º Grau, assim como a formação profissional em nível de 2º Grau.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

tornou, ainda, obrigatória a inclusão da Educação Artística nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º Graus.

Posteriormente, o Parecer 540/77, do Conselho Federal de Educação, considerou a arte " *não como derivativo ou adorno da existência humana, mas condição de vida e da sociedade*".<sup>7</sup>

No entanto, ainda que bem intencionada, a Lei não tem sido adequadamente operacionalizada. Em todo território nacional, com raras exceções, as escolas públicas não tem recursos físicos, materiais, financeiros e até mesmo humanos, para o exercício das atividades artísticas.

Apesar das dificuldades, a Educação Artística deve funcionar como instrumento de sondagem de aptidões e de orientação para o trabalho em nível de 1º Grau, notadamente no que diz respeito à cerâmica, às artes gráficas, à tecelagem, à economia doméstica, ao desenho, à fotografia, à decoração, à pintura, à escultura, ao teatro e à música.

## 2. Formulação e delimitação do problema

No contexto educacional anteriormente caracterizado, um dos problemas que vem preocupando seriamente os educadores, as autoridades religiosas e os governantes é o do menino de rua, ou do "pivete", do "trombadinha", do "marginal", do "pilantra", etc. Grandes projetos já foram elaborados, instituições foram criadas, campanhas foram desenvolvidas, mas o problema continua crescendo cada vez mais aos olhos de um po-

vo que ainda muito pouco tem feito para solucioná-lo.

Esse estudo não focaliza a problemática do menino de rua em toda sua dimensão, nem esgota a literatura pertinente ao assunto. Pretende apenas caracterizar o menino de rua, identificar seus problemas e suas expectativas em relação à sua própria vida. Daí emergirá uma proposta para conciliar e integrar a comunidade, através da arte, com a problemática do menino de rua. O estudo ocupa-se daqueles que são, desde a infância, profissionais do sub-emprego ou do trabalho autônomo de reduzidas perspectivas econômico-sociais. Eles estão quase sempre fora da escola, justamente por serem mobilizados para auxiliarem, com seu labor, na sobrevivência de suas famílias. Conseqüentemente, são prejudicados no desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais, além de estarem permanentemente expostos aos perigos do vício, do infortúnio e de atividades perniciosas.

Um projeto de promoção humana dos meninos de rua não terá como objetivo, segundo a UNICEF, tirar das ruas a criança que nelas trabalha em busca da própria sobrevivência, e até da família; o objetivo será dar-lhe condições de, mesmo nas ruas, aumentar o nível de qualidade de sua vida.

É nesse sentido que o presente estudo volta-se aos meninos de rua de Curitiba, delineando uma proposta de reuni-los em ambiente propício para a oferta de um programa de iniciação às artes. O pressuposto de tal programa é o de que a Educação Artística busca não apenas a formação intelectual do indivíduo, pelo desenvolvimento de sua percepção e de sua ca-

pacidade de criar, mas também a sua auto-expressão. Isto concorrerá objetivamente para o desenvolvimento da afeividade do educando, da sua auto-valorização e sensibilidade ao meio e tempo em que vive e da receptividade para com a mudança.

As atividades programadas buscam, além de trabalhar conteúdos artísticos específicos, propiciar também aos meninos de rua oportunidade de encontro, de socialização e de recreação.

O projeto resultante do estudo objetiva uma ação educacional com meninos de rua do centro de Curitiba, com idade variável entre sete e dezesseis anos de idade que atuam em ocupações diversas( engraxates, jornaleiros, lavadores de carros, cortadores de grama, vendedores de flores, catadores de papéis, vendedores de garrafas e jornais velhos e outros).

No âmbito da educação informal, destinada a grupos especiais da população, como é o caso dos meninos de rua, a Educação Artística pode resultar em grande benefício não só no que diz respeito à preparação para o trabalho e sondagem de aptidões, mas também quanto à prática educacionalmente adequada do lazer.

Entretanto, a problemática do menino de rua é muito ampla e complexa. Conseqüentemente não se pode num único estudo abordar todas as variáveis sociais relacionadas ao problema. Este estudo procura apenas levantar dados que respondam às seguintes questões:

- . Quem é o menino de rua
- . O que faz ele?

- . Por que está na rua?
- . Quais são os seus principais problemas?
- . Quais são as suas expectativas e aspirações em relação ao futuro e a sua participação em atividades artísticas?
- . Enfim, o que a Educação pode fazer para que ele se sinta mais integrado, mais humanizado?

### 3. Variáveis do Estudo

As variáveis do estudo estão estritamente relacionadas à vida do menino de rua, às suas aspirações e expectativas quanto ao futuro e às atividades artísticas, e estão distribuídas em duas dimensões:

a. quanto ao menor:

- . idade
- . sexo
- . percepção da vida
- . alimentação
- . ocupação
- . relação familiar
- . escolaridade
- . aspirações

b. quanto à arte em função do menor:

- . expectativas em relação à atividades artísticas como alternativa de educação informal.

#### 4. Definição de Termos

- a. Menino de rua: criança ou adolescente, produto do subdesenvolvimento e omissão social que, por não dispor de renda suficiente, tem insatisfatória participação no consumo de bens materiais e culturais e não usufruem dos serviços de saúde, educação, habitação, recreação e outros benefícios do desenvolvimento. Por todos estes motivos, tem necessidade de buscar nas ruas meios para sua sobrevivência.
- b. Rua: espaço alternativo, físico e social, explorado pelo menor para seu próprio sustento ou da família, dada sua condição de espaço aberto e relativamente livre.
- c. Problema: a grande problemática é de ordem sócio-econômica e de ordem comportamental.
- d. Marginalidade: falta de oportunidades para interação social, educacional e profissional do menino de rua.
- e. Atividades artísticas: elencos de atividades realizáveis, dentro das diversas áreas da arte (música, desenho, pintura, dança, teatro, etc.) que podem ser desenvolvidas sob orientação de instrutores, utilizando-se materiais diversificados e adequados.
- f. Integração: relacionamento de entidades institu-

cionais com a comunidade, com o fim de promover-se atividades educacionais, culturais e artísticas, por meio de intercâmbios para o desenvolvimento de projetos comuns.

### 5. Pressupostos Básicos

- a. O menino de rua está nas ruas porque é ali que consegue meios para sua sobrevivência. Nas ruas está seu principal meio de vida e, às vezes, até de seus familiares.
- b. O menino de rua, com raras exceções, não frequenta a escola: portanto, não desenvolve potencialidades, segundo os objetivos sociais da educação formal.
- c. O menino de rua aceita participar de atividades alternativas de educação informal que lhe sejam oferecidas e que lhe propiciem oportunidades para melhorar as suas condições de vida.

### 6. Objetivos

Os objetivos que orientam o presente estudo são os

seguintes:

- a. elaborar uma proposta alternativa de atividades artísticas para meninos de rua;
- b. fundamentar a proposta a partir da realidade social, da Arte na Educação e do projeto da UNICEF "Meninos de Rua".<sup>8</sup>



## NOTAS DE REFERÊNCIA

<sup>1</sup> CADERNOS DO CEAS, Editorial, Centro de Estudos e Ação Social. Salvador, 1982, 78, p.5.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_, p.6.

<sup>3</sup> BRANDÃO, Z. et alii. O prē-escolar e as classes desfavorecidas. Cadernos de pesquisa. Fundação Carlos Chagas, 1981, nº 39, p.43.

<sup>4</sup> CARVALHO, I.M.M. A escolarização em famílias de classe trabalhadora. Cadernos do CEAS. Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, 1983, 83, p.55.

<sup>5</sup> BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 1971.

<sup>6</sup> ROMANELLI, O.O. História da Educação no Brasil - 1930-1973. Petrópolis, Vozes, 1978, p.236.

<sup>7</sup> BRASIL. Parecer 540/77. Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Educação, Brasília, 1977.

<sup>8</sup> UNICEF. Projeto "Meninos de rua". Brasília. MPAS/UNICEF/SAS/FUNABEM, 1982.

## CAPÍTULO II

### REVISÃO DA LITERATURA

#### PARTE I

#### MENINOS DE RUA

A rua tem se constituído em palco extenso e sempre crescente de um drama que não parece terminar: o dos meninos abandonados.

Nela se encontra, de manhã à noite e madrugada a dentro, o menor "carenciado", "abandonado", "desassistido" ou "marginalizado", segundo as expressões utilizadas para identificar a criança ou adolescente que resultou vítima da indiferença ou omissão social e que, por não disporem de renda suficiente, tem insatisfatória participação no consumo de bens materiais e culturais e não usufrui os serviços de saúde, educação, habitação, recreação e outros benefícios do desenvolvimento.<sup>1</sup>

São crianças obviamente envolvidas num processo rápido de marginalização social, iniciado com o menor solto na rua em atividades muito humildes e de poucas expectativas e concluído na pessoa do menor infrator.

Os menores envolvidos no processo de marginalização

social são relacionados pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor como:

- . os expostos: crianças abandonadas pela família ou órfãos sem parentes e/ou responsáveis;
- . os mendigos: os que perambulam pedindo esmolas para sustento próprio ou da família;
- . os carenciados: filhos de famílias sem condições para sustentá-los e que, nas ruas, exercem atividades várias, inclusive furtos e outras infrações.

Há, nas ruas, uma incidência maior de crianças entre sete e dezesseis anos de idade.

Entretanto, não é nada difícil encontrar crianças menores de sete anos pedindo esmolas ou vendendo qualquer gênero de mercadoria. *"às vezes, no mesmo grupo, são encontradas crianças desde 3 e 4 anos até jovens perto da maioridade legal. E muitos comportamentos que seriam esperados nas crianças são observados, como a capacidade de organizar-se no trabalho ou a facilidade de manipular dinheiro. Por outro lado, as mesmas crianças "maduras" manifestam, muitas vezes, condutas infantis".*<sup>2</sup>

São crianças que vivem um profundo sentimento de solidão, têm valores próprios, são oprimidas, não contam com a proteção do adulto e amadurecem precocemente. Além disso, são subnutridas, inseguras, carentes, agressivas, imediatistas e desconfiadas. Algumas estão na rua e outros são da rua.<sup>3</sup> Todos porém, convivem com a miséria e o abandono.

*" A impressão que se tem é que cada um desses meni-*

*nos é único e exclusivo dono do seu tempo e do seu corpo. Não há, para eles, horários nem padrões. O dinheiro é ganho e gasto rapidamente, sem prioridades, cálculos ou previsões e o espaço público é apropriado para morar, ganhar o sustento e divertir-se".<sup>4</sup>*

Os hábitos do menino de rua desenrolam-se diariamente em horários determinados como em qualquer emprego, iniciando-se na moradia familiar e na convivência com os parentes e vizinhos. Gradativamente, porém, o menino vai espaçando seu ambiente de vida e adquirindo uma autonomia que o leva a abandonar a casa e a interagir mais intensamente com os grupos da rua.

*Isto não o descompromete da obrigação de contribuir para a manutenção da família e, para tanto, ele faz visitas periódicas ou é procurado pela mãe ou irmãos no "ponto". Ele passa a ser responsável exclusivo pela própria manutenção e contribuinte generoso para o sustento do grupo familiar, que já não o apoia material ou afetivamente. Entretanto, quando o contato com essa vivência é intensificado e aprofundado, pode-se perceber que, sob a aparência superficial de liberdade e autonomia, está a realidade bastante cruel, do medo e da insegurança. A vida das ruas é intrinsecamente violenta e instável e é preciso manter-se<sup>5</sup> entre essas coordenadas para sobreviver.*

Há condições básicas na manutenção de formas de trabalho desenvolvidas nas ruas pelos meninos. Por exemplo:

- . não há critério de idade para situar-se num "ponto":
- a entrada no ponto depende de iniciativa, capacidade de trabalho e relações. Isto faz com que se encontrem vários meninos no mesmo ponto, na maioria das vezes comandado por um adolescente que

"chegou primeiro";

- . há grande liberdade de ação e locomoção, mesmo quando o "dono do ponto" tem comportamento autoritário;
- . a liberdade de ação e a possibilidade de explorar mais de uma forma de trabalho, conforme as circunstâncias, propiciam ganhos mais alto do que os salários pagos em empregos regulares;
- . os grupos não apresentam alto nível de coesão, dado o estilo individualista e competitivo de vida dos meninos;
- . apesar disso, os grupos servem como rede de comunicação garantindo que haja troca de informações, de apoio e de interesses.

Dessa maneira de viver decorrem duas regras fundamentais: a do individualismo ("*não há como solidarizar-se com o outro, uma vez que cada um deve ser capaz de cuidar de si já que as situações-limite como a prisão, a tortura e a morte devem ser enfrentadas completamente só*") e o imediatismo ("*afinal guardar dinheiro para que? emergência? que espécie de emergência pode haver na minha vida?*").<sup>6</sup>

*Os meninos de rua assumem um estilo de vida absolutamente provisório onde certas pressões podem extravasar o limite tolerável, como a dominação e a exploração pelo dono do ponto, a agressividade de competidores, a convivência diária e obrigatória com a face corrupta dos órgãos criados para reprimir e controlar a delinqüência e a miséria. Diariamente vivem a sensação de que a prisão vai ocorrer a qualquer momento porque "a Polícia precisa mostrar ser-*

*viço", ou "acontece alguma coisa (algum crime) e eles não sabem quem foi, então pegam a gente e batem até que a gente acuse alguém e tem uma hora que a gente fala algum nome só para se livrar".*

Todos os meninos que estão nas ruas, marginalizados abandonados, desassistidos ou carentes, estão igualmente expostos à possibilidade da delinqüência e ao contato com indivíduos, grupos e organizações que podem levá-los e até mesmo obrigá-los a se inserirem no mundo do crime. E quando isto acontece, raramente será outro o destino do menino que não a prisão ou até a morte.

#### URBANIZAÇÃO E DESORDEM

O comportamento do menor da rua é resultante de um complexo processo em que se configuram variáveis as mais diversas. Uma delas, é o processo de urbanização que, em geral sofre uma desordem gerada pelos desníveis de ordem sócio-econômica.

Aparecem três setores populacionais no sistema social urbano:

- 1- a população integrada, que participa do dinamismo da vida social e econômica e usufrui de padrões de vida satisfatórios ou superiores;
- 2- a população sub-integrada, que participa apenas parcialmente desse dinamismo; apresenta carências em certas áreas das necessidades humanas básicas e situa-se na linha dos níveis considerados mí-

nimos para uma vida decente;

- 3- a população em vias de marginalização, que se encontra numa situação de sub-emprego ou desemprego, quase à margem dessa dinâmica social e econômica e apresentando bloqueios sócio-culturais inúmeros, além dos entraves psicológicos e econômicos que impedem o seu acesso aos bens e serviços do mercado.<sup>8</sup>

Essa população marginalizada, da qual fazem parte os meninos de rua, caracteriza-se por:

- . baixos níveis de renda;
- . alimentação sub-humana;
- . desnutrição;
- . analfabetismo e baixo nível de escolaridade;
- . baixos níveis sanitários e de higiene;
- . falta de qualificação profissional e
- . insegurança social.

Todos esses fatores levam à desorganização da estrutura familiar e à impossibilidade da família gerir suas funções básicas de saúde, alimentação, educação, recreação, amor, cuidado e socialização.

Decorrentes dessa desorganização interna, avultam os problemas de ordem socio-econômica e comportamental:

- . migrações internas de população de baixa renda;
- . sub-ocupação de adultos e crianças;
- . favelamento;
- . desabrigo;

- . fome;
- . doença;
- . abandono de criança;
- . orfandade;
- . mendicância;
- . vadiagem;
- . prostituição;
- . toxicomanias;
- . alcoolismo;
- . traficância;
- . criminalidade;
- . doenças mentais e
- . conduta anti-social.

Portanto, a influência dessa desorganização familiar no atendimento ao menor é de três ordens:

- . incapacidade financeira do grupo familiar de promover educação e sustento da prole;
- . movimentos migratórios constantes, em geral para centros urbanos, acarretando a dissolução do grupo familiar ou suprimindo, temporária ou definitivamente, a socialização da prole;
- . mobilização de mão de obra feminina para ocupações de baixa renda e sem a possibilidade de recursos substitutivos de atendimento aos filhos.

Em 1969, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor realizou um levantamento entre seus internos para saber da presença efetiva dos pais no grupo familiar.<sup>9</sup> Os resultados



foram alarmantes:

- . em 5871 famílias sō havia a mãe: em 232 casos o pai falecera e, nos 5639 casos restantes, o pai abandonara a mulher e os filhos;
- . em 104 famílias, sō havia o pai: a mãe falecera em 48 casos e nos 56 casos restantes houve abandono da família pela mãe;
- . em 678 outras "famílias" não havia nem pai nem mãe: em 120 casos, pai e mãe haviam falecido; em 77 casos os pais eram ignorados; em 435 casos os pais tinham abandonado os filhos e, nos 46 casos restantes, o pai falecera e a mãe abandonara os filhos.

Do processo gerador da marginalização é que emerge a problemática que afeta especificamente o menor, determinando o estado de carência, a condição de abandono ou, ainda, a situação anti-social.

## O PROCESSO DE MARGINALIZAÇÃO

Dois importantes fatos devem ser considerados na análise e compreensão da marginalidade urbana: de um lado, a modernização de parte do setor agrícola, que passa a liberar mão-de-obra que, posteriormente, vai migrar para a cidade e, de outro lado, a baixa capacidade de absorção dessa força de trabalho em relações de produção tipicamente industrial.<sup>10</sup>

*Estas duas tendências, aliadas às taxas de incremento demográfico, têm como resul-*

*tado o fato de que parte da população passa a não ser incorporada como força de trabalho produtiva e se vê obrigada a dedicar-se a atividades de subsistência, notadamente no setor terciário da economia, tais como vendas ambulantes, trabalhos autônomos ligados a serviços de reparação e conservação, vigilância, limpeza e carga, empregos domésticos, bem como uma série de outras tarefas pouco definidas. Assim, a estrutura econômica e social e, em particular o tipo de industrialização excludente, geram ocupações que têm um caráter marginal e cujos executantes auferem uma remuneração mínima.<sup>11</sup>*

Apenas após a Segunda Guerra Mundial a marginalidade no Brasil passou a ser vista como problema social dos mais graves. O ritmo acelerado de urbanização, provocado em grande parte pelas migrações rurais-urbanas, fez com que as populações migrantes se estabelecessem na periferia das grandes cidades.

No início, essas populações foram chegando e se estabelecendo em pequenos núcleos fora do raio urbano da cidade, na maioria das vezes sem chamar a atenção das autoridades. Aos poucos, porém, esses deslocamentos populacionais foram se avolumando e transformando-se em movimentos invasores, na medida em que se decidiam a tomar à força os espaços que necessitavam para sua moradia

Assim, vastos conjuntos habitacionais muito pobres e primitivos foram se acumulando à margem de bairros residenciais e comerciais.

*De uma localização inicial às margens da zona urbana, esses conjuntos habitacionais pobres se localizaram posteriormente também em áreas centrais decadentes da cidade. Por outro lado, tornou-se flagrante que*

*não apenas as moradias das populações marginais eram deficientes, mas toda uma série de condições sócio-econômicas e culturais, que caracterizavam sua maneira de viver. A escassez de serviços urbanos, as más condições sanitárias, o baixo nível de renda e educação, a baixa qualificação profissional, o subemprego, o desemprego, a anomia, a desorganização familiar e a falta de participação social, entre muitos outros traços adotados para caracterizar a pobreza, foram associados à precariedade habitacional das populações marginais.<sup>12</sup>*

Então, a questão da marginalidade toma proporções extensas: dado o grande impulso da industrialização o setor agrícola também se moderniza tanto em termos de tecnologia quanto de relações de trabalho. Em consequência, ocorre a introdução de máquinas que provocaram a dispensa de mão-de-obra, e a substituição de trabalhadores fixos por outros não assalariados, tais como os "bóias-frias".

A esses acrescenta-se o fato de que a melhoria e generalização das comunicações e dos transportes facilitaram a migração rural excedente para os centros urbanos.

Assim, *"a mão-de-obra excedente no setor primário mais a força de trabalho resultante do crescimento demográfico natural passam a ser sobrantes também no setor secundário, formando um amplo exército industrial de reserva".<sup>13</sup>*

*De um lado, encontra-se a tendência secular à estagnação de boa parte do setor agrário, o qual, sob o impacto do capitalismo, se desarticula parcialmente e libera mão-de-obra que afluí às cidades. Por outro lado, face à expansão lenta das empresas industriais, são parcelas relativamente diminutas dessa força de trabalho chega a se transformar em operariado no setor fabril. Ademais, a própria dimensão do crescimento demográfico, tanto nas ci-*

*dades como no campo, adicionada aos fenômenos anteriores, criou uma oferta ilimitada de mão-de-obra.*<sup>14</sup>

Em consequência desse estado de coisas, essa parcela da população excluída do setor rural e também excedente no setor industrial busca como forma de sobrevivência o setor de prestação de serviços, justamente onde se encontra o maior número de marginalizados nas áreas urbanas.

Estas tendências não se têm modificado até o presente. *"Ao contrário, o uso de técnicas sempre mais sofisticadas, tanto no setor primário como no secundário, foi deixando a solução de emprego da mão-de-obra sobrando para o setor de serviços ou para os programas de obras públicas".*<sup>15</sup>

Entretanto, o problema da marginalidade não se restringe apenas ao fato de que a oferta de empregos não-agrícolas cresce menos rapidamente do que a população urbana. Afinal, esse processo ocorre dentro de um quadro socio econômico preexistente, ou seja, a existência de enorme massa populacional que cresce aceleradamente em decorrência do êxodo rural.

É errôneo, portanto, crer que a marginalidade urbana resulta apenas do processo de industrialização introduzido no Brasil. *"Se a industrialização, nos moldes em que se desenvolveu no País, acentuou os problemas de desemprego e subemprego que caracterizam nossa economia urbana, foi porque se deu sobre a base de formas produtivas do passado, que também eram geradoras desses problemas".*<sup>16</sup>

O que acontece é que, apesar de seu caráter de dependência, o desenvolvimento econômico nacional tem se acen-

tuado. Isto não impediu que o desenvolvimento processado se tornasse restritivo e/ou excludente, criando não sō um pequeno número de empregos, mas apresentando também a tendência para concentrar a renda em favor de uma parcela bastante pequena da população.

*Quando na estrutura econômica vigente não se criam os empregos necessários à demanda existente, a população vê-se obrigada a se refugiar em outras formas de inserção na divisão social do trabalho. Estas formas de inserção geralmente correspondem a ocupações de baixa produtividade e relativa relevância no processo de acumulação. Por isso mesmo, são consideradas ocupações marginais dentro do quadro geral da economia.<sup>17</sup>*

#### O MENOR NO CICLO DA MARGINALIZAÇÃO

As populações pobres, nas quais se insere grande parte do operariado industrial, dada a sua carência econômica, são obrigados a viver nas favelas e cortiços das zonas urbanas, ou em barracos nos subúrbios.

*Adultos e crianças são compelidos a habitar em condições higiênicas deficitárias, freqüentemente em promiscuidade com pessoas de atividades anti-sociais ao seu meio de vida (roubo, furto, prostituição, mendicância, tráfico de entorpecentes, etc.). O fato de delinquentes, viciados e marginais adultos conviverem com menores, o que ocorre comumente nas áreas características dos setores intersticiais dos aglomerados urbanos, cria condições de interação social nesta fase crucial da socialização, que ensejam o surgimento do menor infrator, como um fenômeno predominantemente urbano.<sup>18</sup>*

Estes fatos vêm a constituir um verdadeiro ciclo

de marginalização:

. famílias originárias de zonas rurais instalam-se inadequadamente nas cidades, tendo os pais que trabalhar sem condições de se ocuparem dos filhos. As crianças, soltas nas ruas e sob a influência de vizinhança deseducada, adquirem conduta marginal, no sentido de que se afastam do tipo de comportamento padrão das famílias socialmente integradas;

. submetidos ao subemprego, ao desemprego e à mendicância, os pais condicionam os filhos à mesma situação, tornando potencial ou real o risco de criminalidade precoce;

. apanhados nas ruas, os menores são internados em instituições públicas ou devolvidos às famílias. Nos dois casos, os meninos voltam para as ruas e o ciclo recomeça. Quando adultos, serão novamente institucionalizados nos presídios ou devolvidos às ruas para uma nova vivência do crime.

A questão do menor constitui, portanto, um prolongamento ou extensão da marginalização social de amplas camadas da população brasileira. Desse modo, não há como negar a evidência de que há uma relação causal entre o baixo nível de renda familiar e a incidência de menores em estado de abandono ou marginalidade social.

O País conta atualmente, segundo estatísticas oficiais, com dezesseis milhões de menores carentes, dos quais quatorze milhões vivem em famílias de renda inferior a dois salários mínimos, ou seja, em absoluta pobreza, o que os conduz diretamente para as ruas.

Há que acrescentar-se ainda 2 milhões de crianças

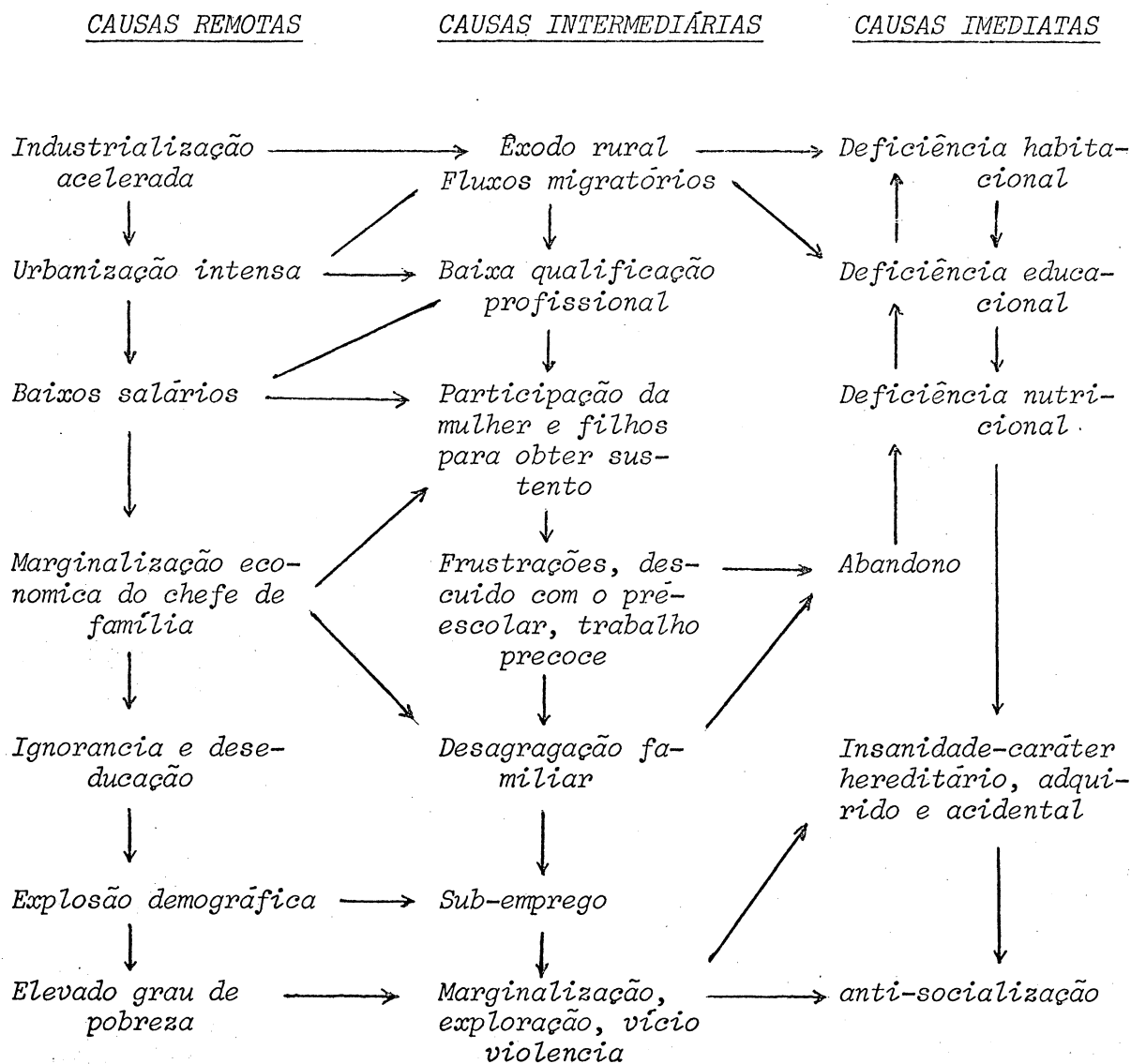
abandonadas e absolutamente sem ninguém responsável por elas. Parte desse contingente está institucionalizada, parte está nas ruas.

As causas dessa marginalização, estão sumarizadas no Quadro I.

### QUADRO I

#### CAUSAS REMOTAS E IMEDIATAS DO PROCESSO DE MARGINALIZAÇÃO DO MENOR

Fonte: ADESG, 1978, Curitiba.



## PARTE II

### ASPECTOS GERAIS DA ARTE

A arte, expressão da percepção e dos sentimentos humanos, é tão antiga quanto a história do homem.

Apesar disso, continua sendo uma questão impregnada de mistérios, sobretudo quanto às suas origens e funções.

E, na tentativa de esclarecê-la, surgiram ao longo dos séculos inúmeras correntes de pensamento que se propuseram, cada uma conforme seu tempo e fonte de influência, traçar uma teoria geral da arte.

Das que interessam aos objetivos do presente trabalho, vale ressaltar as teorias instrumentais que presumem que a função central da arte é favorecer uma espécie de comunicação entre os homens. Tais teorias viam a arte como produto manufaturado, possibilidade de catarse, meio de recreação, móvel de politização, instrumento de educação ou aprimoramento, de doutrinação religiosa ou moral, de auto-expressão, de comunicação, de criação de empatia, de expansão da experiência e como elo de união com o cosmos.

### A ARTE COMO MANUFATURA

A produção de objetos estéticos é fenômeno univer-



sal na história humana.

Sob uma perspectiva de evolução histórica, o desenvolvimento de ofícios como a cerâmica, a cestaria, a metalurgia, a produção textil e o entalhe em pedra e madeira, teve maior impulso após o momento em que o homem passou a exercê-los de maneira mais estética. *"Em épocas passadas, não existia o conceito de "belas-artes", todas as artes eram artes de uso".*<sup>19</sup>

*Para os gregos do século V, a fórmula da arte pela arte teria sido monstruosa ou simplesmente ininteligível. As artes eram apreciadas exatamente como quaisquer outros produtos da indústria humana: pela sua eficácia na promoção dos objetivos para os quais tenham sido feitas.*<sup>20</sup>

A arte grega tinha uma função eminentemente social. As artes tinham, portanto, caráter instrumental: serviam para vários usos. Um deles era o didático.

Como os outros produtos da indústria humana, as obras de arte eram apreciadas pelo nível de trabalho revelado. E o artista era um técnico, um manufator entre os demais. *"Não se reconhecia diferença alguma de categoria entre o artista criador e o artífice habilidoso nas técnicas do seu ofício."*<sup>21</sup>

*A tendência para pensar nas belas-artes em função de uma teoria geral de produção esboça-se com suma clareza em Platão quando, no Banquete, ele discute a palavra poiesis (da qual se deriva poeta), palavra que originalmente significa "construir" ou "fazer" no sentido mais lato. "Toda causa -diz ele- de uma coisa que passa do não-ser para o ser é poiesis, de sorte que as atividades manufatureiras em todos os ramos da indústria de oficina são formas de poiesis e todos os artífices e oficiais são poietai (poetas)."*<sup>22</sup>

Na medida em que sua explicação da arte é sociológica, a teoria grega partilha das teorias marxistas modernas quanto ao desejo de avaliar as atividades artísticas em função da contribuição que, presume-se, prestem à sociedade e à realização de um ideal mais amplo de valor social.

#### A ARTE COMO ELO DE UNIÃO COM O COSMOS

Enquanto no mundo ocidental a arte se manteve durante muito tempo como reprodução da Natureza, sem que houvesse porém entre esta e o artista um sentido transcendente de união, na China as artes eram tidas como uma extensão da arte de viver.

Tratava-se essencialmente de uma concepção não-naturalista da arte.

*Essa idéia de pintar como atividade que une de pronto o artista ao princípio cósmico do Tao, e o manifesta, encontra-se no âmago do pensamento chinês sobre a arte, quer se descreva como cultivo do caráter, a expressão da personalidade, quer se defina como a busca da essência das coisas. Encaravam-se o cultivo e a prática da arte como atividade ritualística criadora de uma encarnação cósmica da força e da ordem que impregnam toda a realidade, a sociedade humana e a personalidade individual.*

Assim, a arte dos chineses constituía uma atividade de caráter ritualístico que tinha por objetivo o aperfeiçoamento do espírito e a conquista da harmonia como uma realidade cósmica, da qual o próprio homem representava grande parte.

## A ARTE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO

Em plano bastante diferente, a arte ocidental da Idade Média tinha caráter francamente didático.

*Encaradas, a princípio, com suspeição como relíquia e acervo do paganismo, as artes foram gradativamente aceitas e toleradas à proporção que a Igreja entrou a compreender-lhes a utilidade na educação de um populacho rude e iletrado nos rudimentos da moral e da doutrina cristã.<sup>24</sup>*

Não se permitia, portanto, que a arte consistisse num mero prazer para os olhos. *"Seu caráter didático é também o traço mais típico da arte cristã: se toda a gente soubesse ler e seguisse uma corrente abstrata de raciocínio, ela (a arte) seria absolutamente supérflua."<sup>25</sup>*

## A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE CATARSE

A maioria dos estudiosos do comportamento humano acredita que o ato de expressão relaxa a tensão nervosa e traz alívio às pressões emocionais.

*Nós nos sentimos menos tensos quando os nossos sentimentos se manifestem abertamente. Por conseguinte, tanto em conexão com a criação artística como em outras atividades da vida, costumamos dizer que o homem "se expressa" ou "expressa seus sentimentos" ao entregar-se a alguma forma de atividade oriunda de um impulso profundamente arraigado, que o deixa apaziguado e satisfeito. Como os homens são seres sociais, a maioria das pessoas obtém maior satisfação quando a expressão*

*transmite a outras pessoas uma consciência da sua emoção e induz os outros a comparti-la harmoniosamente.*<sup>26</sup>

Enquanto o elemento de comunicação pode aumentar a eficácia da expressão trazendo alívio, a incapacidade de comunicar-se pode resultar em frustração.

Conclui-se, portanto, que a arte age como móvel de liberação de tensões ou, em outras palavras, de purgação e descarga afetiva.

#### A ARTE COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO E EMPATIA

No contexto da arte como instrumento de comunicação de sentimentos, a teoria da empatia foi muitíssimo popular. Empatia é o sentido de afinidade emocional que permite a um homem colocar-se no lugar de outro e conhecer profundamente as emoções por ele vividas.

*Em particular é a projeção "simpática" das emoções e atitudes humanas em objetos inanimados, generalizada entre povos primitivos pré-científicos, e que sobrevive na linguagem popular e nas imagens poéticas. Quando falamos num "raivoso pôr de sol" ou em "alegres narcisos dos prados" estamos (de acordo com a teoria) empregando metáforas animistas que derivam, afinal de contas, do hábito de empatia em relação à natureza inanimada.*<sup>27</sup>

Em termos de arte, a obra do artista ofereceria ao seu apreciador os elementos interiores, afetivos e espirituais que a produziram e que, na alma do apreciador, ganham vida nova, momento atual. Seria quase uma re-criação das emoções originais do artista.

## A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE RECREAÇÃO

A função lúdica da arte, entre tantas outras funções é das mais presentes.

*O prazer do jogo, autêntico na criatura humana - resultado do exercício ou da manifestação livre, segundo instintos ou impulsos, ou do desdobramento da imaginação solta - acompanha o homem pela vida afora. O aumento das horas destinadas ao lazer, em virtude da mecanização e, já agora, da automação, está a exigir soluções que ministrem boas oportunidades de recreação, evitando a inércia e o anti-social. Então o homem se reencontra com a atitude de gratuidade, que lhe é peculiar, para usufruir apenas de suas faculdades, independente de preocupações de lucros e interesses. Nada o satisfaz mais nessa gratuidade e nessa espontaneidade de ser, do que a satisfação que encontra na harmonia e na liberação do espírito. Assim, o entrelaçamento do lazer e da recreação, da gratuidade e da espontaneidade, da imaginação e da liberação, tem nas artes a colaboração decisiva e o caminho certo.*<sup>28</sup>

## A ARTE COMO INSTRUMENTO DE POLITIZAÇÃO

A razão de ser da arte nunca permanece inteiramente a mesma. Ela vai mudando à medida em que ocorre transformações profundas na sociedade. Entretanto, a despeito das diferentes situações sociais, há alguma coisa na arte que expressa uma verdade constante.

O próprio Marx já havia constatado que "*na arte historicamente condicionada por um estágio social não desenvolvido, perdurava um momento de humanidade*".<sup>29</sup> Reconhecia-se o poder da arte de se sobrepor ao momento histórico e exercer um fascínio permanente.

Isto vem a significar que obviamente uma das funções da arte é o registro da história. Entretanto, outra ainda mais dinâmica é a de reforçar as mudanças sociais e inclusive de provocá-las.

*Uma sociedade altamente complexificada, com suas relações e contradições multiplicadas já não pode ser representada à maneira dos mitos. Em semelhante sociedade, que exige reconhecimento preciso e consciência global diversificada, é se obrigado a romper com as formas rígidas dos tempos primitivos em que o elemento mágico ainda operava e chegava-se a formas abertas, à liberação formal. A predominância de um dos dois elementos da arte em um momento particular depende do estágio alcançado pela sociedade: algumas vezes predominará a sugestão mágica, outras a racionalidade, o esclarecimento; algumas vezes predominará a intuição, o sonho, outras o desejo de aguçar a percepção. Porém, quer embalando, quer despertando, jogando com sombras ou trazendo luzes, a arte jamais é uma mera descrição clínica do real. Sua função concerne sempre ao homem total, capacita o Eu a identificar-se com a vida dos outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é mas tem possibilidade de ser.<sup>30</sup>*

E é justamente essa possibilidade de ser que permite as transformações políticas: " a função essencial da arte não é a de fazer mágica e sim a de esclarecer e incitar a ação".<sup>31</sup>

#### A NECESSIDADE DA ARTE

A arte constitui muito mais do que a apreensão da realidade objetiva e subjetiva, do que o registro da história.

A arte constitui um meio indispensável para que a apropriação do sentido da vida como um todo ocorra de modo significativo por parte do indivíduo.

*É claro que o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem total. Não lhe basta ser um indivíduo separado. Além da parcialidade da sua vida individual anseia uma plenitude que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significação. Rebelar-se contra o ter de se consumir no quadro de sua vida pessoal, dentro das possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade. Quer relacionar-se a alguma coisa mais do que o Eu, alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixa de ser-lhe essencial. O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por entender a ciência e pela tecnologia o seu Eu curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu Eu limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade.*<sup>32</sup>

O desejo do homem de se desenvolver e completar-se indica que ele pode transcender seus limites pessoais e tornar-se um ser social. É próprio dele sentir que

*sô pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que um homem sente como potencialmente se inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo: reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias.*<sup>33</sup>

A arte, enquanto agir e enquanto contemplação da ação torna-se instrumento poderosíssimo de união com o cosmos e de empatia com a história, com a sociedade, com os outros.

*A necessidade geral da arte é a necessidade racional que impele o homem a tomar consciência do mundo interior e exterior e a transformá-lo num objeto, no qual se re-*

*conheça a si próprio. É peculiar da arte oferecer aos sentidos uma manifestação dos pensamentos universais do espírito humano. Toda obra de arte possui, pois, um duplo aspecto: primeiramente, um conteúdo, um fim, uma significação; em seguida, a expressão, a manifestação, a realização desse conteúdo. Os dois aspectos se interpenetram tão intimamente que o exterior, o particular, não parece feito senão para expor o interior. Arte é o que revela à consciência a verdade, sob uma forma sensível.*<sup>54</sup>



## PARTE III

## A ARTE E A EDUCAÇÃO

A arte tem sido vista, em todos os tempos, como um agente capaz de propiciar ao homem formação educacional intensa e profunda no que diz respeito a valores universais como a liberdade, a espontaneidade, o poder criador e o amor à natureza e à humanidade. É bastante conhecido, ainda, o seu poder para promover a coesão social e o sentido de participação do homem em sua própria história.

Por estes motivos, a arte detém um lugar especial na Educação. Através dela, é possível *"criar e aperfeiçoar as formas que constituem a linguagem simbólica com a intenção de transmitir à sensibilidade humana uma espécie de conhecimento que não pode ser transmitido por quaisquer outros meios"*.<sup>35</sup>

A arte, mais do que a expressão oral, possibilita ao indivíduo a exteriorização da vida interior com maior intensidade.

A Educação Artística, que constitui o uso da Arte na Educação, tem a função de contribuir para um melhor desenvolvimento afetivo e intelectual dos indivíduos, assim como promover maior harmonia nas relações de cada um e com o meio ambiente.

O trabalho artístico permite uma situação de catarse

que, além de liberar tensões e conflitos, tenderá a evidenciar problemas de natureza mental, emocional e social dos indivíduos.

O trabalho artístico propiciará, ainda, a descoberta de aptidões, possibilitando ao educando a experimentação no campo de seus interesses.

*Em Arte, pretende-se, através de seu relacionamento com o meio natural e cultural, que a criança extraia elementos para interpretar e criar uma nova realidade. Terá que vivenciar tudo o que está a sua volta, para que se abram perspectivas à criatividade. Criar significa partir de alguma coisa para fazer algo novo. O trabalho da criança, mesmo que não corresponda ao valor estético do adulto, vale pelo esforço da procura. Este esforço aumenta os recursos técnicos e acumula experiência para o futuro. Para a criança, arte é comunicação significativa consigo mesma, é a seleção de todas as coisas do seu meio com que se identifica e a organização de todas elas num todo novo e com sentido. A Arte é importante para a criança, para seu processo mental, seu desenvolvimento perceptivo e afetivo e também para a progressiva tomada de consciência social e o desenvolvimento da capacidade criadora e da sensibilidade estética.*<sup>36</sup>

## A ARTE E A CRIANÇA

A criança, ao identificar na arte um meio seguro de manifestação de sua vida interior, consegue, segundo PIAGET,

*apossar-se do seu Eu, inserindo o que sente e o que pensa no mundo de realidades objetivas e comunicáveis que constitui o universo material e social. Pelas suas manifestações espontâneas, a criança situa-se no mundo que lhe é oferecido, pondo a representação da realidade ao mesmo nível de suas vivências. Portanto, a sua linguagem tem uma sintaxe própria que traduz imediatamente a sua forma de percepção, de discriminação e de valorização da realidade.*<sup>37</sup>

Através do desenho, da pintura, da escultura, da modelagem, do teatro, da música, da poesia e da dança, a criança expressa seus sentimentos e interesses, promovendo sua própria evolução.

*Ela pode atingir um grau de maturidade de expressão que ultrapassa a medida comum. Por outro lado, a criação artística traz a marca de uma individualidade, provoca libertação de tensões e energias, instaura uma disciplina formativa, interna, de pensamento e de ação que favorece a manutenção do equilíbrio tão necessário para que a aprendizagem se processe sem entraves, e a integração social sem dificuldades.*<sup>38</sup>

#### A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E A CRIANÇA

Os objetivos da Educação Artística podem ser definidos, conforme PORCHER, em três modalidades simultâneas.

. a formação intelectual do educando: nas escolas Kodaly, na Hungria, o ensino da música é obrigatório em todas as séries e há um horário musical diário (45 minutos por dia para todas as crianças). Seus alunos apresentam resultados significativamente superiores aos alunos de outras escolas no que diz respeito ao cálculo mental, à leitura, à escrita, ao desenho, às atividades que colocam em jogo a memória e a imaginação e também à capacidade pulmonar e à ginástica.

*Há uma ligação muito estreita entre, por um lado, as numerosas canções que são aprendidas e depois cantadas, dançadas, representadas através de mímica, acompanhadas com palmas e, por outro, a formação do ouvido, bem como a aprendizagem da leitura e da escrita musicais. Tudo isso corresponde a uma soma de estímulos auditivos, visuais e cinéticos que desenvolvem na criança disposições e aptidões que não*

*se restringem apenas ao domínio da educação musical. Graças à prática vocal e coral, à memorização das canções, aos diversos exercícios rítmicos e melódicos, etc.. a criança desenvolve inconscientemente a sua capacidade de observação, o espírito de análise,<sup>39</sup> de síntese, e até mesmo a abstração.*

Isto não quer dizer que o único, nem mesmo o principal mérito da Educação Artística consista em contribuir para a formação intelectual, no sentido estrito; mas não há dúvida que a prática das atividades artísticas representa um fator altamente favorável para o desenvolvimento de toda a personalidade e, muito especialmente, dos seus aspectos intelectuais.

- . a livre auto-expressão é também uma das metas essenciais das atividades de formação da personalidade.

*O conjunto das disciplinas artísticas torna-se, deste modo, um espaço exemplar no qual se constrói o progressivo domínio dos meios dessa expressão.<sup>40</sup>*

- . sensibilidade à obra de arte, através de programas que possibilitem o educando a receber a mensagem das obras de arte.

Em suma, a Educação Artística busca utilizar metodicamente *"essa função estimulante da atividade artística para auxiliar as crianças a conquistarem um melhor domínio corporal e intelectual, um melhor equilíbrio psicológico, uma capacidade de expressão e comunicação mais satisfatória, uma integração mais dinâmica, uma relação mais enriquecedora com os outros, uma simulação mais pessoal e mais flexível das significações construtivas do meio ambiente".<sup>41</sup>*

## OS MENINOS DE RUA E A ARTE

Obviamente, os meninos de rua não são diferentes das crianças mais privilegiadas: eles têm as mesmas necessidades, a mesma potencialidade humana para pensar, sentir e agir, as mesmas aspirações de amor, empatia e compreensão.

Como as demais crianças, os meninos de rua estão em desenvolvimento e precisam de cuidados, alimentação, saúde, amor e estímulos adequados para a sua evolução física, intelectual, afetiva e social.

Para eles, a Educação Artística terá a mesma função: a de contribuir para o seu desenvolvimento global.

*O desenvolvimento das faculdades humanas antecede a todos os desenvolvimentos. O grande desenvolvimento depende dos progressos individuais e sociais. E, entre as faculdades humanas, a da imaginação se coloca em plano prioritário. Imaginação e espírito crítico caminham juntos para a criatividade da criança e do adolescente. E essa criatividade não se traduz apenas em inventos e técnicas produtivas, sob o ponto de vista econômico: ela proporciona à criatura satisfações incontáveis. Libera os pequenos seres (e os grandes também) de limitações e preconceitos que, de outra forma, se arrastariam existência afora. Desperta em cada qual confiança em si e em suas possibilidades. Abre caminhos à felicidade, à compreensão e ao entendimento. Ensina a liberdade e a coexistência. Porque não conhece limitações, enfrenta ambições de toda ordem.<sup>42</sup>*

Claro está que a Educação Artística não vai resolver o problema social que o menino de rua constitui, pois, pelo exposto na primeira parte deste capítulo, ficou evidente que esses me-

niños:

- . são discriminados e não tem esperanças concretas de mudanças;
- . são, por força das próprias condições em que vivem, imediatistas e individualistas;
- . não possuem condições pessoais concretas para fazer escolhas que lhes possibilitem um desempenho pessoal e social.

Através da Educação Artística, porém, poderá o menino de rua encontrar uma fonte inesgotável de integração pessoal e social, além do que, as artes poderão constituir-se em utilíssimo caminho de acesso a outras áreas de profissionalização e conhecimento humano.

A Educação Artística poderá ter ainda, para eles, ação terapêutica relevante e constituir-se em fonte de valorização pessoal e social e, certamente, de esperanças.

## PARTE IV

## A AÇÃO DA FUNABEM

A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor foi criada em 1964, pela Lei nº 4513, e tem por objetivo vigorar a política nacional do bem-estar do menor por meio do estudo de seus problemas e planejamento de soluções.

Sua ação diz-se terapêutica e preventiva no sentido em que busca reintegrar os menores marginalizados e agir sobre os ambientes marginalizantes, "*já que é impossível agir sobre todas as variáveis que compõem o grupo social marginalizado e marginalizante*".<sup>43</sup>

*Para tanto, assumiu posições de caráter normativo, lato senso e executivo, em sentido estrito. Primeiro, situando-se como princípio normativo do sistema nacional de instituições de assistência ao menor carenciado ou conduta anti-social. Segundo, promovendo a descentralização da ação executiva através do estímulo à criação de fundações estaduais e municipais de bem-estar do menor, e desenvolvendo, ela mesma, ações de índole preventiva.*<sup>44</sup>

A função executiva da FUNABEM diz respeito, fundamentalmente, à criação, implementação e avaliação de modelos de atendimento direto ao menor atingido pelo processo de marginalização. Propõe-se, em relação ao menor, a :

. atender às suas necessidades básicas, explicitados

- pela Declaração dos Direitos da Criança e à vista da realidade nacional;
- . estabelecer um quadro de vida em que prevaleçam os condicionamentos positivos;
  - . oferecer educação que lhe propicie meios e ocasiões de vivenciar novos valores éticos e sociais;
  - . propiciar formação profissional que lhe enseje efetiva integração na sociedade.

Em termos preventivos, as ações da FUNABEM pretendem:

- . interiorizar a política do bem-estar do menor através de programas-base, organizados em áreas polarizadoras;
- . descentralizar para os níveis municipal e inter-municipal a execução de programas preventivos de marginalização;
- . integrar, na ação dos poderes públicos e do sistema social geral, a montagem de programas adequados para a diminuição da taxa de marginalização de menores;
- . desenvolver técnicas e métodos para suscitar a montagem de programas, a participação comunitária e o treinamento de pessoal a nível de execução.<sup>45</sup>

#### ALTERNATIVAS DE ATENDIMENTO

Alguns projetos de serviço alternativos para meninos de rua vêm sendo desenvolvidos no Brasil através da abordagem



do menino em seus pontos de permanência nas ruas e da condução deles para experiências de natureza educacional.

Desses, destacam-se os programas de trabalho da República do Pequeno Vendedor, Em Belém do Pará, do Centro Salesiano do Menor, em Belo Horizonte, do Salão de Encontro, em Betim(MG), da Cerâmica Educacional Boa Nova, em Ipameri(GO) e do Centro de Orientação Sócio-Educativa do Menor Trabalhador, em São José dos Campos(SP).

Todos eles partem dos mesmos princípios:

- . respeito às condições reais do menor, motivo pelo qual não se pretende restringir-lhe a liberdade de ir e vir, nem de continuar nas ruas;
- . promoção humana através de alimentação, atendimento médico e odontológico, aconselhamento familiar, ensino não regular e informal, profissionalização e colocação no mercado de trabalho, lazer e recreação.

#### República do Pequeno Vendedor

A filosofia básica da República do Pequeno Vendedor consiste na crença de que o problema do menino de rua é essencialmente um problema de laços sociais que se desfazem. Assim, seu projeto prioritário é o estabelecimento de elos de amizade entre o menino de rua e a sociedade.

Para isso, o programa faz uso do trabalho de voluntários, a maioria jovens, que com os meninos fazem contato, com

eles conversam e tratam sobretudo de seus problemas familiares. Os "papos" ocorrem em dois restaurantes que o projeto mantém e que, situados estrategicamente próximo dos mercados onde os meninos se concentram, fornecem refeições aos garotos a preços simbólicos. Além da alimentação, os meninos têm nesses restaurantes várias alternativas de recreação.

A República também oferece algum treinamento profissional básico e emprego.

A principal fonte de renda desse programa é a venda de artigos usados, que são arrecadados na cidade de Belém durante o mês de agosto de cada ano. Os artigos que têm imediata condição de venda são comercializados nas feiras da cidade e os que necessitam de reparos são distribuídos durante o ano pelas correspondentes oficinas da República. Nelas, esses artigos são consertados ou transformados pelos meninos dos diversos cursos profissionalizantes.

Esse programa envolve 50 voluntários e cerca de 800 menores.

#### Centro Salesiano do Menor

O CESAM atua como uma firma do setor privado, que não visa lucros e oferece serviços.

Sua filosofia fundamenta-se na evidência de que se o menor estiver bem empregado, mais condições ele terá de lidar com seus problemas e com as dificuldades de sua família. Assim, há um preparo do menor para as suas novas atividades

(como por exemplo de mensageiro), coloca-o num trabalho dentre os inúmeros contratos que mantêm com firmas locais, faz seu registro em carteira profissional, remunera-o com um salário mínimo e garante-lhe todos os benefícios e direitos do trabalho.

O menino é empregado do CESAM, que cobra da empresa interessada não só o salário, mas também uma taxa que possibilita ao programa operar de maneira auto-suficiente.

Como os meninos são muito bem treinados e fornecem serviços de boa qualidade, o CESAM tem sido capaz de competir no mercado de serviços, mantendo aproximadamente 900 meninos em situações de trabalho.

### Salão de Encontro

O Salão de Encontro de Betim começou com uma modesta atividade de produção que oferecia emprego a alguns dos muitos meninos pobres que viviam perambulando pelas ruas em busca de trabalho.

Em dez anos, esse programa desenvolveu e tornou-se uma atividade econômica diversificada, produzindo uma linha completa de móveis domésticos no estilo colonial mineiro e empregando mais de 350 pessoas, a maioria das quais adolescentes.

Toda a produção decorre de trabalho intensivo e faz acentuado uso de recursos naturais disponíveis no local. Os principais produtos são móveis, feitos em três estilos di-

ferentes, e complementados com cerâmica, tapetes, estofamentos e outros itens de madeira, todos desenhados para se completarem mutuamente.

As vendas são feitas no próprio Salão de Encontro e especialmente para São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte.

Além de fornecer emprego, o projeto fornece assistência às famílias pobres, tais como um programa especial de alimentação para as crianças e idosos e uma creche altamente inovadora.

Muito além de ser meramente uma fábrica de produção geradora de empregos, o Salão de Encontros demonstra que o trabalho criativo e digno colabora com o aumento da autoestima, encorajando o crescimento e desenvolvimento pessoal. Além disso, o programa comprova que as crianças e jovens, quando têm condições de efetuar um trabalho válido, podem produzir resultados de mais alta qualidade.

#### Cerâmica Educacional Boa Nova

Quando a indústria de calçados que sustentava grande número de famílias de Ipameri, em Goiás, fechou suas portas no início da década de 70, a cidade viu-se repentinamente com centenas de menores vagando pelas ruas.

Um grupo da comunidade espírita local iniciou então uma pequena produção de cerâmica que desenvolveu-se com vigor. Hoje, 200 adolescentes trabalham numa fábrica que pro-

duz uma linha de objetos utilitários, que é distribuída em grandes lojas como o Jumbo, as Lojas Americanas e Brasileiras e outras.

Além disso, associada a esse programa, há uma grande horta, que produz verduras para a comunidade local e para os participantes do projeto. Também as famílias dos jovens trabalhadores usufruem deste serviço a baixos preços.

A maioria dos adolescentes que trabalham na Cerâmica são originários de um outro programa para as crianças de menor idade e que tem por objetivo treiná-las para atividades simples de meio expediente, tais como engraxar sapatos, vender verduras, atender como babás, etc. Nesse trabalho, o programa age como intermediário arrumando serviço para as crianças e acompanhando suas atividades com o objetivo de protegê-las contra a exploração e outras situações. Nesse programa há cerca de 300 crianças.

#### Centro de Orientação Sócio-Educativa

De responsabilidade da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, este programa foi criado para orientar crianças que roubavam nas feiras e abriam latas e sacos de lixo em busca de alimentos e objetos que pudessem ser aproveitados ou vendidos.

O objetivo da Prefeitura é a promoção da educação básica, recreação e trabalho de meio expediente para as crianças jovens e empregos de responsabilidade maior e treina-

mento profissional para adolescentes.

Os meninos são contatados nas ruas, e a partir de suas atividades originais, o trabalho é iniciado. Formam-se então, grupos de engraxates, grupos de jornaleiros, grupos de catadores de papel, etc.

Após a integração no projeto, os vários grupos apresentam-se nas ruas melhor equipados para o trabalho: os engraxates trabalham em estandes montados pela Prefeitura, estabelecem um preço fixo e têm como caixa um menino maior, o que vai resultar em grande aumento da renda e em proteção contra roubos e exploração por parte de terceiros. Por sua vez, os carregadores vestem uniformes alaranjados e trabalham nos mercados maiores, organizados e acompanhados por meninos de maior idade que são empregados pela Prefeitura como fiscais e que asseguram tratamento adequado a todos eles. A essas crianças é oferecida escolarização de 1º grau, cujo ensino é planejado de maneira flexível a fim de melhor acompanhar as necessidades do trabalho.

Aos quatorze anos, o menino é incluído numa equipe de varredores que limpa a cidade. Torna-se, então, empregado da Municipalidade, é registrado em carteira profissional e tem seus direitos do trabalho perfeitamente assegurados e recebe um salário mínimo.

Aos dezesseis anos, ele entra para um programa de treinamento que envolve várias firmas da cidade. Aí aprende e desenvolve suas habilidades enquanto trabalha.

Todos esses programas, como foi visto, fornecem, de

uma forma ou de outra, uma variedade de serviços, além da oferta de emprego ao menor participante. Quatro dentre cinco programas fornecem refeições. Todos propiciam acesso a serviços de saúde. A maioria propicia educação ou insiste em que até uma certa idade, o menor compareça às aulas como uma condição de participação no programa.

### O PROJETO DA UNICEF

O conhecimento dos trabalhos existentes no país, com meninos de rua, foi o ponto de partida para elaboração do Projeto da UNICEF.<sup>46</sup> Desses trabalhos, foram selecionados os cinco projetos descritos, pois, foram estes, pela sua metodologia e/ou atividades, os que apresentaram alternativas estruturadas para o atendimento a meninos de rua.

O projeto da UNICEF considera:

- . que, como elementos da sociedade, existe pouca gente que sofre tanto quanto o menor de rua a incompreensão, a hostilidade e a repressão da sociedade em geral e das autoridades;
- . que não se pode trabalhar com o menino de rua sem levar em conta sua liberdade, a coisa mais importante de sua vida;
- . que qualquer programa em favor do menino de rua tem que considerar sua personalidade independente e às vezes dotada de poder de liderança, estimulá-lo e não reprimi-lo;

- . que qualquer programa com meninos de rua tem que reconhecer os seus valores;
- . que quem trabalha com o menino de rua, deve, desde o primeiro contato com ele, ter alta empatia e sensibilidade para com ele e sua situação e estar em condições de ouvi-lo pacientemente e dar-lhe voz direta.

Assim, os objetivos da UNICEF são:

- . direcionamento da continuidade de trabalho para atividades que respondam às necessidades sentidas pelos meninos;
- . aumento de ganho obtido com o trabalho;
- . alternativas de recreação-esporte;
- . local que possa ser considerado seu, ambiente para realizações pessoais;
- . fornecimento de alimentação a preços simbólicos;
- . orientação para outras atividades lucrativas mediante a profissionalização.

No Brasil, o Projeto "Meninos de Rua", da UNICEF, vem sendo discutido em seminários com o objetivo de elaborar programas de trabalho que serão possivelmente aprovados por aquele organismo internacional de promoção à infância até 1985.

Em Curitiba, existe a Comissão "Pró-Meninos de rua", formada com o apoio da UNICEF. A Comissão tem como objetivos:

- . realizar estudos sobre a problemática do menor de rua, tendo em vista novas perspectivas de atendi-



mento;

- . constituir-se, permanentemente, numa forma de articulação, mobilização, integração, questionamento e estímulo à idéias e experiências voltadas para a problemática do menor de rua.

A Comissão "Pró-Meninos de Rua" se caracteriza pelos seguintes aspectos:

- . é extra-institucional, isto é, não está ligada a nenhum órgão oficial, embora seus integrantes possam pertencer a tais órgãos;
- . é formada por pessoas de qualquer área, profissional ou não, tendo presente a interdisciplinaridade de conhecimentos e experiências;
- . é fundamentalmente articuladora e estimuladora de movimentos em prol dos meninos de rua;
- . poderá recrutar permanentemente novos membros identificados com a causa do menor.

Em reunião, realizada em Teresópolis, pelo Grupo de Apoio "Alternativas de Atendimento ao Menino de Rua", ficou evidenciado a visão ampla da Comissão "Pró-Meninos de Rua", de Curitiba, sendo propostas visitas a esta Comissão, por sua definição junto à Comunidade.

De acordo com essas diretrizes, é que se pretende a elaboração de uma proposta alternativa, de artes, para meninos de rua.

## NOTAS DE REFERÊNCIA

<sup>1</sup> ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. O menor carente: alguns subsídios para solução do problema. Curitiba, 1978, p.3.

<sup>2</sup> FERREIRA, R.M.F. Meninos de rua. São Paulo, Ibrex, 1980, p.83.

<sup>3</sup> INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA AO MENOR. Seminário sobre Alternativas de atendimento ao menino de rua. Curitiba, dezembro de 1982.

<sup>4</sup> FERREIRA, p.87.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_, p.87.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_, p.88.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_, p.88.

<sup>8</sup> FUNABEM. Rev. Brasil Jovem, 1975, 35, p.45.

<sup>9</sup> CARNEIRO, G. Um soco na cara. Rev. Brasil Jovem. FUNABEM, 1971, s.n., 2º trim., p.9.

<sup>10</sup> SCHNEIDER, L. Marginalidade e delinquência juvenil. São Paulo. Cortez, 1982, p. 24.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_, p. 24.

<sup>12</sup> SCHNEIDER, p. 28.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_, p. 44.

<sup>14</sup> KOVARICK, L. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1975, p. 79.

<sup>15</sup> SCHNEIDER, p. 50.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_, p. 50.

- 17 \_\_\_\_\_, p. 51.
- 18 ADESG, p. 15.
- 19 OSBORNE, H. Estética e teoria da arte. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 31.
- 20 \_\_\_\_\_, p. 31.
- 21 \_\_\_\_\_, p. 33.
- 22 \_\_\_\_\_, p. 37.
- 23 \_\_\_\_\_, p. 96-7.
- 24 \_\_\_\_\_, p. 123.
- 25 \_\_\_\_\_, p. 124.
- 26 \_\_\_\_\_, p. 223.
- 27 \_\_\_\_\_, p. 254-5.
- 28 KELLY, C. Arte e comunicação. Rio de Janeiro. Agir, 1978, p. 61.
- 29 FISCHER, E. A necessidade da arte. Rio de Janeiro. Zahar, 1980, p. 17.
- 30 \_\_\_\_\_, p. 19-20.
- 31 \_\_\_\_\_, p. 20.
- 32 \_\_\_\_\_, p. 12-13.
- 33 \_\_\_\_\_, p. 13.
- 34 SOURIAU, E. Chaves da Estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973, p. 22.
- 35 READ, H. Educación por el arte. Buenos Aires, Kapelusz, 1970, p. 16.
- 36 REFORMULAÇÃO DE CURRÍCULOS. Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1976, v.1, p. 92.
- 37 NOVAES, M.H. A dimensão criadora do processo educativo. Arte e Educação. Rio de Janeiro, fev. 1971, n.2, p.6.

38 BESSA, M. Artes plásticas entre as crianças. Rio de Janeiro, José Olympio, s.d., p.13.

39 PORCHER, L. Educação artística - luxo ou necessidade? São Paulo, Summus, p.30.

40 \_\_\_\_\_, p.15.

41 \_\_\_\_\_, p.30.

42 KELLY, C. Reflexões vadias em torno de Arte e Educação. Arte e Educação. Rio de Janeiro, mar. 1971, n.3, p.10.

43 FUNABEM. O "Menor-Problema Social" no Brasil e a ação da Funabem. Brasília. MPAS, 1978, p.37.

44 \_\_\_\_\_, p.37-38.

45 \_\_\_\_\_, p.45-47.

46 UNICEF. Projeto "Meninos de rua". Brasília.MPAS/UNICEF/SAS/FUNABEM, 1982, p.2-3.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA

#### INTRODUÇÃO

A partir do conhecimento de um projeto elaborado pela UNICEF, intitulado "Meninos de Rua", procurou-se compreender melhor esse tema, por meio de um levantamento bibliográfico. De posse desse material, buscou-se entrar em contato com as instituições que atendem o menor carente. Numa dessas instituições, especificamente o Instituto de Assistência ao Menor de Curitiba, encontrou-se acolhida bastante promissora, com empréstimo de material muito valioso para o estudo. Ainda recebeu-se o convite para participar de uma comissão extra institucional, formada exatamente para tratar do problema do menino de rua, baseada esta comissão, também, no projeto da UNICEF acima citado.

Ao fazer parte integrante dessa comissão, durante seis meses, com vários debates e encontros, pode-se compreender melhor os aspectos problemáticos referentes ao menino de rua, as possíveis alternativas para solucioná-los e as formas aconselháveis de entrar em contato com esses meninos.

#### ETAPAS DO ESTUDO

O estudo foi realizado em quatro etapas.

Primeiramente foi feito o levantamento bibliográfico sobre o menor carente e aspectos sobre seus problemas sócio-econômicos e educacionais.

A seguir, o levantamento bibliográfico sobre a importância da arte na formação e desenvolvimento da comunicação entre os homens e sua relevância na contribuição do desenvolvimento global da criança, em seu aspecto educacional.

Na terceira etapa, analisou-se os trabalhos já realizados com meninos de rua, trabalhos estes que serviram como modelo para a elaboração do projeto da UNICEF. Este projeto mostra as formas alternativas possíveis para se realizar um trabalho eficiente com meninos de rua. Por isso procurou-se seguir as diretrizes desse projeto para, finalmente, elaborar uma proposta de atividades artísticas, capazes de melhorar as condições de vida dos meninos de rua.

Passou-se, então, na última etapa a realização de uma pesquisa exploratória. A pesquisa teve como objetivo conhecer a realidade do menino de rua e suas expectativas e aspirações de modo geral e, especificamente às atividades artísticas como forma de uma educação informal.

#### SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos deste estudo são menores que estão pelas ruas do centro de Curitiba, afim de angariar recursos para sua sobrevivência.

Não se adotou critérios quanto a sexo, cor ou ocupação. A amostra foi composta aleatoriamente, constituindo-se de menores trabalhadores sem qualquer vínculo empregatício e que atuam nas ruas do centro de Curitiba. As entrevistas foram feitas com trinta desses menores, situados na faixa etária de sete a dezesseis anos de idade.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### a) Elaboração do Instrumento

Na montagem do instrumento procurou-se elaborar perguntas relacionadas aos aspectos das questões do estudo, referenciadas no cap. I.

Portanto, foi feito de forma a que se pudesse obter dados que caracterizassem os meninos de rua, sob os aspectos de suas origens, das causas pelas quais estão nas ruas, de suas atividades e saber também de seus principais objetivos de vida e de suas expectativas em relação à participação em um programa de atividades artísticas.

### b) Aplicação de Instrumento

A pesquisa foi elaborada através da observação direta no próprio ambiente de trabalho do menor em questão, isto é, nas ruas do centro da cidade de Curitiba, evitando-se locais estranhos a ele, o que poderia gerar medo e insegurança.

A abordagem, que consiste em entrar diretamente em contato com os meninos e com eles manter diálogo informal, foi feita, para que se estabelecesse vínculo afetivo com os mesmos.

Esses contatos foram feitos durante aproximadamente dois meses, uma vez por semana.

Passou-se então às entrevistas propriamente ditas, em forma de questionário elaborado de forma a obter subsídios necessários ao desenvolvimento do estudo.

O menor foi, desde o início, informado dos objetivos da entrevista e jamais foi coagido a colaborar, respondendo as questões de forma espontânea.

De início foi utilizado um gravador, para facilitar o trabalho e deixá-lo registrado. Porém, pôde-se observar que este procedimento inibiu alguns dos menores, fazendo, inclusive, com que alguns se recusassem a colaborar, caso o gravador continuasse ligado. Por isso, as respostas passaram a ser anotadas.

Após terem sido feitas cinco entrevistas, verificou-se a necessidade de reformulação de algumas questões visto que estas direcionavam as respostas do menor. Após a reformulação das questões deu-se continuidade às entrevistas.

Em apenas duas tentativas de abordagem verificou-se a recusa de cooperação, talvez por desconfiança ou por um envolvimento maior dos sujeitos com a delinquência ou com órgãos repressores. Por isso, teve-se sempre a preocupação em esclarecer os objetivos da entrevista.



Foram feitas trinta entrevistas, que passaram a constituir o material de campo do estudo.

### c) Tratamento dos dados

Os dados coletados foram analisados em função da frequência obtida em relação às respostas dos meninos. Visto que a entrevista obedeceu a uma certa ordem de intenção, mas permitiu a extensão subjetiva de respostas, não vale a pena tratar estes dados estatisticamente. No capítulo seguinte tentaremos codificar as respostas em categorias, sem a preocupação de lhes atribuir um valor quantitativo.

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo tem a finalidade de analisar os dados do instrumento aplicado junto aos trinta meninos, sujeitos do estudo.

Procurou-se saber, além dos dados de identificação, suas relações familiares, suas aspirações quanto ao futuro e suas expectativas frente a uma oferta de participação em atividades artísticas.

Para tal abrangência o instrumento constou de duas partes. As questões da primeira parte estão relacionadas diretamente aos dois primeiros pressupostos deste estudo e à revisão da literatura. A segunda parte fornecerá subsídios para a elaboração de uma proposta de atividades artísticas para o menino de rua, relacionando-se ao terceiro pressuposto do estudo.

A aplicação do instrumento fez-se de modo informal, em termos de relacionamento humano, incluindo relatos de vida. Optou-se por este método porque é o que permite a obtenção de dados mais qualitativos e que ganham maior significado segundo os objetivos da pesquisa.

Portanto, a análise envolve frequências de respos-

tas, sem a preocupação de um tratamento estatístico rigoroso.

## ANÁLISE, CARACTERIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PARTE I DO INSTRUMENTO

Nesta parte do instrumento da pesquisa fez-se o levantamento das características do menino de rua, de suas atividades ocupacionais e de suas relações com a família. Ainda, nesta primeira parte, levanta-se dados sobre as aspirações deste menino e sua escolaridade.

QUADRO 2: Caracterização dos respondentes

Moradia Faixa etária	Com a família			Sem a família			Nas ruas		Total
	Família não tem pai	não tem mãe	tem ambos	tem mãe	tem ambos	não tem ambos	tem mãe	não tem ambos	
8 - 10	2		2				1		5
10 - 12	1		2				1		4
12 - 14	6		2	1	1	1			11
14 - 16	3	2	3					2	10
Total	12	2	9	1	1	1	2	2	30

Sobre o Quadro 2 deve-se observar:

- a. a maioria dos meninos de rua situa-se na faixa etária de doze a dezesseis anos de idade;
- b. a maior parte deles não tem pai, dados que enquadram a realidade dos meninos entrevistados,

- jã apontados na revisão da literatura, no sentido de caracterizar uma das grandes problemáticas do menor marginalizado;
- c. embora seja pequeno o número de meninos que moram nas ruas, sem família, esses dados são preocupantes, uma vez que todos eles são menores e dois deles são órfãos.

QUADRO 3: Atividades ocupacionais dos pais

Pai Mãe	desempregado	aposentado	pintor encanador	trabalha nas ruas	ausente	total
doméstica	3	1			3	7
trabalha nas ruas	1				2	3
costureira					2	2
operária					2	2
não trabalha	1	1	1	1	4	8
ausente			3	1	4	8
total	5	2	4	2	17	30

Pelo Quadro 3, verifica-se:

- a. um número significativo de pais encontra-se desempregado;
- b. dois deles também trabalham nas ruas, como os meninos;

c. oito mães não trabalham, mesmo os pais estando ausentes, o que parece obrigar os meninos a serem responsáveis pela manutenção da casa.

Pelas atividades ocupacionais dos pais, em geral, percebe-se que a renda familiar é muito baixa, o que impõe ao menor a necessidade de buscar condições para sua própria sobrevivência e até da família. Esses fatos confirmam, o que já na revisão da literatura, havia sido levantado como uma das características da população marginalizada, da qual fazem parte os sujeitos da entrevista.

QUADRO 4: Atividades ocupacionais dos meninos e sua permanência com a família

Profissão dos meninos / Local refeições	guarda-carros	vendedor	engraxate	catador de papel	carregador	pedinte	total
Nas ruas	6	2	3	1	1	4	17
Em casa	3	4	1	3		2	13
Total	9	6	4	4	1	6	30

Neste Quadro, nota-se:

- as atividades dos meninos são, na realidade, prestação de serviços e até mesmo exploração de mão de obra desqualificada, sem nenhuma assistência social assegurada;
- pelo número significativo de meninos que comem nas ruas (17 em 30), pode-se confirmar que os hábitos dos meninos se modificam gradativamente

conforme a situação econômica da família, levando-os a interagir mais intensivamente nas ruas, passando principalmente, a ser responsáveis pela própria manutenção, o que confirma dados da Revisão da Literatura.

Com relação à justificativa que os meninos deram para suas atividades ocupacionais, verifica-se que todos buscam a sobrevivência, pois, vinte e dois deles afirmam buscar ocupação com a finalidade de ajudar as despesas da família e oito deles foram mais objetivos, dizendo que trabalham para comer.

Isto confirma o Pressuposto Básico  $\alpha$  relativo à permanência do menino nas ruas.

QUADRO 5: Aspirações e visão de vida

Aspirações Visão de vida	Trabalho	Moradia	Bens materiais	Volta às atividades rurais	Total
Boa	10	3	3	4	20
Regular	2		2	1	5
Ruim	3		3		5
Total	15	3	7	5	30

Sobre este Quadro, nota-se:

- a. dentre as aspirações dos meninos de rua a maior frequência recai sobre ter trabalho e moradia;

- b. na maioria das outras respostas está contida a vontade de possuir bens materiais;
- c. em cinco casos observa-se a vontade de voltar às atividades rurais.

Pela grande incidência das respostas ter recaído sobre trabalho, nota-se a preocupação desses meninos pela sobrevivência.

Ainda, verifica-se a grande influência em suas vidas, da sociedade de consumo em que estão inseridos, pois suas aspirações referem-se a aquisição de bens materiais. Confirma-se, também, que o êxodo rural é uma variável que marginaliza a população estabelecida nas periferias dos grandes centros.

Ao mesmo tempo, esses dados comprovam que a insuficiência de renda acarreta insatisfatória participação no consumo de bens materiais, como apontados, também, no Capítulo II deste estudo.

Da mesma forma, pode-se afirmar que suas expectativas, situam-se a nível das necessidades básicas.

Quanto a verificação de como o menino de rua sente sua própria existência, percebe-se a grande esperança que este menino possui em relação a sua vida.

QUADRO 6: Escolaridade e aspirações profissionais

Profissão Escola- ridade	mão de obra diversificada	profissões de nível su- perior	outras outras	total
Sim	2	4	4	10
Não	10	5	5	20
Total	12	9	9	30

Por este quadro, verifica-se:

- a. a grande maioria dos meninos não frequenta a escola, fato que comprova o Pressuposto *b* deste estudo;
- b. mesmo fora da escola, os meninos nutrem esperanças de melhoria de vida, com possibilidades de formação profissional, ou de se tornarem proprietários (18 em 30); apenas doze deles parecem conscientes de sua realidade, escolhendo profissões de menor qualificação.

#### ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PARTE II DO INSTRUMENTO

Esta parte do instrumento da pesquisa pretende investigar o que de artes o menino de rua conhece e quais são suas expectativas em relação à sua participação em atividades artísticas.

QUADRO 7: Meio de contato com a arte

Por meio de	TV	ruas	rádio	escola	teatro	cine	disco- teque	circo	total
Total	18	13	7	6	6	2	3	1	56

Por meio deste Quadro, observa-se:

- a. a grande maioria (18) tem contato com a arte pelos programas de televisão, provando mais uma vez que este é um meio de comunicação mais difun-



dido;

- b. que mesmo vivendo nas ruas, estes menores estão atentos e são sensíveis às demonstrações artísticas levadas às ruas e praças.

Quando interrogados se gostariam de participar de trabalhos artísticos todos responderam afirmativamente (100%) por razões que são evidenciadas no Quadro abaixo.

QUADRO 8: Motivo da participação e atividade preferida

Preferência Motivo	pintura	música	teatro	dança	desenho	escultura	total
Vontade de aprender	2	4	2	2	1	1	12
Porque é bom e divertido	5	3	1	1	2		12
Porque gosta de artes	3	1	2				6
Total	10	8	5	3	3	1	30

Por este Quadro pode-se observar que:

- a. a maior parte dos meninos tem vontade de aprender alguma atividade artística ou fazer arte como forma de lazer (24 em 30);
- b. é válida a intensão de se formular uma proposta, o que confirma o Pressuposto *c*.

Por estes dados constata-se que os meninos de rua estão dispostos a participar das atividades que lhes proporcionarão melhoria de vida e que, de certa maneira, compensa-

rão as deficiências de sua escolaridade.

Ao se perguntar, se trocariam a atual atividade por uma atividade artística, pretende-se verificar se o menino de rua vê a arte como possibilidade de profissionalização ou, pelo menos, como possível melhoria de padrão de vida.

Como resultado desta pergunta, todos os meninos demonstraram vontade de trocar suas atividades ocupacionais, demonstrando com isso, insatisfação com a situação atual e interesse por atividades artísticas. Isto demonstra a grande importância da elaboração de uma proposta alternativa em arte, voltada para o menino de rua.

QUADRO 9: Aplicação da possível rentabilidade dos trabalhos artísticos

Aplicação financeira	ajudariam des- pesas de casa	alimentação e vestuário	guardar para o futuro	total
Total	17	10	3	30

Por meio deste quadro pode-se comprovar:

- a. o imediatismo destes meninos, já referido no Capítulo II deste estudo;
- b. a grande preocupação com a sobrevivência da família;
- c. a preocupação com a solução dos problemas imediatos.

QUADRO 10: Frequência e locais preferidos para as atividades

Frequência Local	sempre que fosse convidado	quando quizesse	de vez em quando	total
Rua	5		1	6
Local fechado	16	2	1	19
Tanto faz	5			5
Total	26	2	2	30

Este Quadro mostra que:

- a. os meninos entrevistados são coerentes em suas respostas, pois dizendo que trocariam suas atividades ocupacionais por alguma atividade artística remunerada, ao mesmo tempo eles estão, na sua maioria(26), sempre dispostos a participar de tais atividades quando convidados;
- b. pela maior frequência ter recaído em locais fechados, para a execução dos trabalhos artísticos, os meninos demonstram a necessidade em sentirem-se protegidos e fora do ambiente necessário à sua sobrevivência, que é a rua.

Estes fatos vem, novamente, comprovar o Pressuposto Básico *c*, ao mesmo tempo que sugere a necessidade de propostas alternativas de educação informal, no caso, mais especificamente, de uma proposta na área artística, para buscar atender-se às expectativas do menino de rua.

## ANÁLISE CONCLUSIVA DOS DADOS

De acordo com a análise dos dados do estudo exploratório, foi possível fazer um levantamento de alguns aspectos da realidade do menino de rua, comprovando fatos apontados na Revisão da Literatura. Esses dados são os que podem nortear uma proposta alternativa, conforme direções sugeridas pelo projeto da UNICEF, para buscar-se soluções ao grande problema do menor que tem necessidade de estar nas ruas a fim de angariar recursos para sua subsistência.

De acordo com o levantamento dos dados, comprovou-se que estes meninos, na sua maioria, não frequentam a escola, sendo bastante prejudicados no seu desenvolvimento. Por este fato ficou evidenciada a comprovação do Pressuposto Básico *b*. Ainda, por meio do estudo exploratório, pôde-se detectar que além da desintegração familiar dos meninos entrevistados, dada a situação sócio-econômica em que vivem, o menino se vê obrigado a ir para as ruas buscar sobrevivência em atividades ocupacionais de sub-emprego, sujeitando-se até à mendicância.

Apesar disso, verificou-se que as aspirações dos meninos demonstram certo otimismo em relação ao futuro, conforme levantamento dos dados por meio do instrumento.

Por isso, a necessidade de propostas alternativas, para uma possível melhoria de sua condição de vida e, principalmente, para que ele possa participar de um processo de integração que irá socializá-lo e proporcionar-lhe certa segu-

rança.

Por meio dos dados obtidos, também foi demonstrado, que os meninos conseguiram perceber a arte como possibilidade de profissionalização e de desenvolvimento cultural.

Uma proposta alternativa visa, também, afastar o menino de um possível envolvimento com a delinquência, pois o mesmo vive um profundo sentimento de solidão, não conta com a proteção do adulto, é inseguro, carente e desconfiado, fatos esses que o levam mais facilmente à desorganização social.

Portanto, pela Revisão Bibliográfica e pelo estudo exploratório, foi levantado e analisado um conjunto de dados significativos que subsidiam a proposta deste estudo, o qual vem apresentado no Capítulo V.

## CAPÍTULO V

### A PROPOSTA

#### INTRODUÇÃO

A Universidade tem dado ênfase à função de qualificar recursos humanos para gerenciar os destinos do País em todas as áreas do conhecimento e da ação humana. Entretanto, tornou-se opinião geral, entre os interessados na educação, nas ciências e no saber humano em geral, que a função da Universidade transcende os limites da vida acadêmica. Ela amplia sua dimensão para dentro da comunidade e nutre-se dela para aumentar, através do ensino, da investigação científica e das atividades de extensão, o nível de qualidade de vida do povo.

Nesta linha de pensamento, a Universidade integra-se à comunidade através de vários programas de ação científica, artística ou técnica.

O Estatuto da Universidade Federal do Paraná, no Art. 141, assegura que "*a extensão, como atividade humanística, deve proporcionar à comunidade conhecimentos de arte, ciência e técnica, em caráter permanente e recíproco*".<sup>1</sup>

O mesmo Estatuto, no seu artigo 142, dispõe sobre as finalidades da extensão:<sup>2</sup>

I- colaborar no estudo, equacionamento e soluções dos problemas das áreas menos desenvolvidas, contribuindo para a compensação de desequilíbrios regionais;

II-participar na tomada de consciência, formação e esclarecimento da opinião pública, no processo de desenvolvimento regional e nacional.

Também o Regimento da Universidade Federal do Paraná, no ítem III, prescreve como atividades da Pró-Reitoria:

- a) promover a extensão das atividades de ensino e pesquisa, com o objetivo de contribuir para o progresso material e cultural da comunidade;
- b) relacionar a Universidade com a comunidade, promovendo atividades educacionais, culturais e artísticas;
- c) pesquisar e estudar os problemas paranaenses, a fim de que a Universidade possa contribuir de modo decisivo para as suas soluções.<sup>3</sup>

Ao tratar da pesquisa, o capítulo XIII do mesmo Regimento, no art. 137, dispõe que " *a pesquisa será incentivada por todos os meios*", entre os quais aponta, no ítem V, " *o intercâmbio com outras instituições científicas, estimulando os contactos entre professores e o desenvolvimento de projetos comuns*".

Os princípios desenvolvidos pela Universidade Federal do Paraná, no sentido de constituir-se um elo permanente da integração entre o conhecimento que detêm e a co-

munidade, cujo desenvolvimento é basicamente seu fim maior, permitem, portanto, a criação e implementação de projetos de pesquisa e trabalho com a comunidade e a favor dela.

O projeto "Meninos de Rua", coordenado em princípio pela UNICEF, não tem a pretensão de apresentar-se como solução ao problema do menor marginalizado, uma vez que esta é uma questão extremamente complexa, de natureza estrutural, na organização social.

A criação, porém, de programas de promoção humana de qualquer natureza, procurará constituir-se em alternativas para amenizar tal problemática.

Portanto, a introdução da arte junto aos meninos de rua tem sua validade assegurada se se pensar que essas crianças e adolescentes ainda estão em desenvolvimento e formação da personalidade e, não obstante as situações em que vivem, poderão encontrar, no exercício da atividade artística uma diretriz mais promissora para a sua existência.

Neste sentido, a Universidade Federal do Paraná tem elementos para atuar positivamente junto à comunidade de Curitiba, integrando-se ao desenvolvimento de programas que promovam algum bem-estar e esperança para o menino de rua.

A presente proposta pretende que o projeto "Meninos de Rua e Educação Artística", elaborado de acordo com as orientações do projeto inicial da UNICEF, viabilize-se mediante convênios entre a UFPR e entidades públicas e privadas, interessadas no desenvolvimento da comunidade e, especificamente no trabalho de promoção humana do menor marginalizado.



## OBJETIVOS

Os objetivos da proposta são bastante ambiciosos, porém viáveis a médio e longo prazo.

### 1. Objetivos gerais

- . integrar a Universidade Federal do Paraná, por meio de seus professores e alunos, às iniciativas públicas e privadas de proteção, de assistência e de educação em favor do menor marginalizado;
- . contribuir, por meio de atividades artísticas, para a reintegração social do menino de rua.

### 2. Objetivos específicos

Em relação aos meninos de rua a proposta pretende alcançar os seguintes objetivos:

- . despertar e promover o desenvolvimento de sua sensibilidade;
- . promover sua capacidade de criar, expressar-se e comunicar-se através da arte;
- . incentivar sua apreciação da arte e dos valores culturais da região;
- . desenvolver sua percepção e a capacidade de análise crítica;
- . permitir a liberação de suas tensões;
- . promover a descoberta de suas aptidões;
- . possibilitar-lhe o conhecimento das oportunidades profissionais que as artes oferecem;

- . socializá-lo e
- . propiciar-lhe local de encontro e ambiente para realizações pessoais.

#### PROGRAMA DE ATIVIDADES

O aprendizado da arte sintetiza-se no conhecimento de três campos expressivos básicos:

- . som: Música
- . movimento: Dança, Teatro, Cinema e Jogos.
- . imagem: Desenho, Pintura, Escultura, Gravura e Fotografia.

Em termos didáticos, denominam-se respectivamente expressão sonora, expressão cênica e expressão gráfica.

O programa de atividades, que os meninos de rua realizarão, abrangerá os três campos de expressão artística.

Os objetivos da proposta foram elaborados de acordo com o Guia Curricular de Educação Artística da SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA do Estado de Goiás.<sup>4</sup>

São eles:

1. desenvolvimento da apreciação artística e conhecimento dos valores culturais do meio;
2. livre expressão criadora;
3. desenvolvimento da coordenação motora;
4. desenvolvimento de destrezas rítmicas e sensibilidade auditiva;
5. conhecimento de formas, cores e movimentos;

6. habilidade para boa dicção e emissão vocal.

Esses objetivos serão alcançados através do desenvolvimento do processo de formação artística dos meninos.

1. Desenvolvimento da apreciação artística e conhecimento de valores culturais do meio:

- . apreciação artística através de fenômenos da natureza;
- . apreciação artística através de canções;
- . conhecimento e apreciação de obras de artesãos e artistas plásticos locais;
- . conhecimento do folclore: arte popular, artesanato, lendas e superstições do Estado;
- . conhecimento dos valores culturais da comunidade;
- . conhecimento e apreciação da música e das artes plásticas nos vários períodos históricos;
- . conhecimento e apreciação do canto e da dança;
- . conhecimento e apreciação do teatro e do cinema;
- . conhecimento e apreciação da música e das artes plásticas populares do Estado e do País;
- . conhecimento dos personagens que participam em atividades teatrais e cinematográficas;
- . conhecimento e apreciação do teatro e do cinema local e estadual;
- . conhecimento e apreciação do campo profissional da música e artes plásticas;

2. Livre expressão criadora:

- . habilidade para a criação livre;

- . distinção de sons naturais e fenômenos da natureza;
- . criação livre através de canções;
- . seleção de materiais para criação de instrumentos simples de percussão;
- . criação de instrumentos de percussão;
- . criação através de materiais tridimensionais diversos;
- . expressão livre em madeira;
- . expressão e criação livre através de materiais tridimensionais: arames, pregos, metais, fibras, argila, rafia, etc.
- . expressão criadora através da construção de móveis, fantoches com materiais tridimensionais;
- . seleção de materiais do meio para a criação de fantoches e colagem;
- . criatividade na superfície através de técnica de xilogravura;
- . conhecimento e uso da técnica de carvão.

### 3. Desenvolvimento da coordenação motora:

- . conhecimento do próprio corpo e expressão corporal;
- . desenvolvimento da coordenação motora através do desenho livre e motivos rítmicos;
- . desenvolvimento da coordenação motora através do desenho cego e outras técnicas.

4. Desenvolvimento de destrezas rítmicas e sensibilidade auditiva:

- . expressão rítmica através de canções e percussão corporal e instrumental;
- . habilidades para o desenvolvimento da percepção rítmica;
- . desenvolvimento da percepção rítmica e sonora, estabelecendo a diferença entre sons e ruídos;
- . percepção e diferenciação do movimento rítmico;
- . diferenciação entre sons: graves, agudos, fortes, meio-forte e fracos;
- . conhecimento das qualidades do som nas vozes e instrumentos de percussão;
- . percepção de motivos rítmicos e melódicos;
- . habilidades para distinguir o estilo das canções e entender a música como linguagem;
- . conhecimento e classificação dos instrumentos musicais;
- . conhecimento e apreciação dos conjuntos instrumentais regionais;
- . conhecimento das orquestras diversas e funções do regente.

5. Conhecimento de formas, cores e movimentos:

- . conhecimento das formas musicais através de canções;
- . habilidades para o uso da colagem, desenho, pintura e modelagem;

- . habilidades para o uso de técnicas do guache, lápis cera e caneta hidrográfica;
  - . habilidades criativas através de técnicas de pintura e móveis com formas geométricas;
  - . habilidades para o uso de técnicas de aquarela;
  - . habilidades para a confecção de máscaras e montagem de dramatizações;
  - . conhecimento e apreciação dos gêneros musicais: religioso e profano;
  - . conhecimento e apreciação das formas musicais: baladas, fantasias, etc.
  - . desenvolvimento da percepção e da imaginação.
6. Habilidades para boa dicção e emissão vocal:
- . conhecimento do coro falado;
  - . apreciação dos hinos pátrios;
  - . conhecimento do canto individual e conjunto;
  - . conhecimento e apreciação dos conjuntos vocais diferentes;
  - . conhecimento do aparelho vocal e conjuntos vocais diversos.

## METODOLOGIA

### 1. Fases Processuais

- . Abordagem inicial

Os primeiros contatos que deverão ser feitos com os

meninos de rua, afim de saber de suas necessidades, de suas aspirações, enfim, de sua realidade, buscam estabelecer com ele um vínculo afetivo.

E qualquer programa a eles voltados, deve basear-se em dados obtidos diretamente de sua realidade, de suas opções, do que desejam e a partir de sua vivência pessoal.

Essa abordagem deve ter a preocupação de esclarecer aos meninos de rua os objetivos da proposta.

Assim é possível trabalhar ao nível do real - o que implica limitações, mas garante uma maior eficácia de operacionalização da proposta.

Como modelo desta abordagem deverá ser utilizada a mesma metodologia referida no Cap. III do presente estudo.

O pessoal envolvido no trabalho de abordagem, deve então se reunir para levantar os problemas decorrentes dessa abordagem e, desse encontro, buscar alternativas de trabalho.

Poderá então, ser feito o convite para que os meninos compareçam ao local de encontro, para que sejam discutidas as idéias sobre a montagem de um trabalho de atividades artísticas.

#### . Procedimentos

Os meninos de rua, com quem se pretende trabalhar, são os que perambulam pelo centro de Curitiba. Portanto, é com eles que se deve manter contato, como já efetuado no levantamento dos dados de campo do estudo.

Inicialmente, o trabalho deve ser desenvolvido de forma emergente. Assim, a forma metodológica é a de conhecer a ação e a representação dos menores, através de suas próprias reações. Das manifestações espontâneas dos meninos é que devem surgir atividades a serem desenvolvidas.

Os procedimentos e objetivos dependerão do bom relacionamento entre o pessoal envolvido no trabalho e os grupos dos meninos. Este relacionamento é o que pode gerar alternativas metodológicas que subsidiem o andamento das atividades.

## 2. Recursos

### . Físicos

O ambiente físico considerado ideal para o desenvolvimento da proposta é, sem dúvida, o Centro de Criatividade de Curitiba.

Situado no Parque São Lourenço, em meio a uma extensa área verde, o Centro de Criatividade de Curitiba conta com grande número de recursos naturais, dezesseis ateliers de artes, auditórios e vários salões para exposição artística.

Além disso, conta com áreas de lazer, de recreação e com uma cantina.

Conforme proposta recente de reativação do Centro, só seis dos ateliers estão em funcionamento e poucos são os frequentadores. Ainda, nesta proposta, o Centro se abre aos



projetos da comunidade e prevê a cooperação mútua com escolas, associações, etc., o que justifica a indicação deste local para o desenvolvimento do projeto.<sup>5</sup>

Além das razões acima, o Centro de Criatividade já vem sendo utilizado pelo Instituto de Assistência ao Menor da Secretaria de Saúde e do Bem Estar Social em um programa de profissionalização dos menores institucionalizados e, através do qual, os internos aprendem artesanato, cerâmica, trabalhos manuais, crochê e música.

Outros locais poderão servir para o desenvolvimento da proposta, contanto que, num primeiro momento, seja um local determinado, pois isto ajuda a dar uma identidade ao menino de rua.

O local deve, ainda, ser de fácil acesso e estar de acordo com a atividade proposta como, por exemplo, o porão da Biblioteca Pública do Paraná, terminais de ônibus, e outros locais ociosos da cidade.

#### . Materiais

Os locais destinados às atividades artísticas devem possuir mobiliário próprio e conter objetos que correspondam a essas atividades.

Uma instalação elementar deve comportar, necessariamente mesas de madeira, cavaletes, bancos, banquinhos. As paredes devem ser recobertas de madeira compensada, para facilitar a fixação dos trabalhos. Armários para o arranjo do

material também serão de grande valia. Ainda se fazem necessárias uma banca e uma tina de cimento para lavar a argila.

A falta de material não deve se constituir obstáculo para a realização das atividades. Se a comunidade ou a instituição não tiver o material necessário à realização da proposta, caberá ao professor a sua substituição por outros materiais encontrados na região e por sucata industrial ou doméstica.

O material para uso em atividades artísticas é extremamente variado. Dentre os mais necessários, para o início da proposta, pode-se enumerar os seguintes:

- . papéis ( jornal, lustroso, sulfite, cartolina, papelão, etc.);
- . tintas ( guache, anilina, nanquim, plástica, betume, de impressão, aquarela, etc.);
- . lápis ( de côr, preto, carvão, de cera, pastel, etc.);
- . pincéis ( diversos);
- . gravador e fitas cassetes;
- . projetor de diapositivos;
- . jogos de formões;
- . materiais diversos como: arames, pregos, metais, cordões, cola, isopor, retalhos de tecido, linha, agulhas, borrachas, madeira, lixa, argila, lãs, sacos de papel, algodão, varsol, placas de fôrmica, alfinetes, "clips", esponjas, tijelas, corda, pregadores, plásticos e outros.

Para a criação de instrumentos de percussão serão usados recursos naturais. Onde há árvores, as sementes poderão ser utilizadas para a construção de móveis e outros tipos de instrumentos.

#### . Humanos

Os recursos humanos necessários ao trabalho de contato com os meninos de rua serão recrutados dentre os alunos dos cursos de Psicologia, Serviço Social e Pedagogia da Universidade Federal do Paraná.

Obviamente, os estagiários serão orientados por pessoal competente, dentre professores da Universidade e profissionais atuantes nas instituições que trabalham com o menor, que tenham conhecimento dos seus problemas reais.

O trabalho de desenvolvimento e implementação do projeto na área artística será executado por estudantes do Curso de Educação Artística, convenientemente orientados por professores de Prática de Ensino e de outras disciplinas que permitem estágios. Terão, assim, ensejo de associar as formulações teóricas aprendidas à prática das artes com meninos que precisam encontrar nelas um princípio viável de melhoria de suas vidas.

Também se torna indispensável a participação de elementos das instituições que trabalham com o menor, os quais servirão de monitores do projeto.

## IMPLEMENTAÇÃO

### 1. Convênios

Os convênios para a implementação da proposta poderão ser firmadas entre a UFPr e a FUNABEM que tem reserva orçamentária destinada para convênios específicos ou ainda entre a UFPr e o Ministério da Previdência e Assistência Social, através da Secretaria de Saúde e Assistência Social e do Instituto de Assistência ao Menor.

A arquidiocese de Curitiba, a Federação Espírita do Paraná, a Igreja Luterana, a Igreja Evangélica e outras entidades religiosas poderão constituir-se em alternativas promissoras, no sentido de apoio e cooperação com o projeto em pauta.

Na mesma linha, o Lyons Club e o Rotary Club também poderão firmar convênios com a UFPr.

Os recursos financeiros serão necessários para alimentar os meninos nos dias de atividades, transportá-los de um ponto central da cidade para o local das atividades artísticas, promover sua recreação e lazer, desenvolver as atividades artísticas mediante compra de materiais, visitas a exposições, assistência a espetáculos e outros.

Os recursos humanos envolvidos, com exclusão dos acadêmicos da UFPr, perceberão normalmente através de seus órgãos de origem.

## 2. Execução

Tão logo os recursos estejam disponíveis a proposta terá início.

A alternativa de trabalho, a ser desenvolvida, será desencadeada a partir do primeiro encontro com os meninos.

O projeto terá início no começo do ano letivo, em vista do calendário escolar dos estagiários. Será desenvolvido de preferência aos sábados, para que não interfira nas atividades de trabalho dos meninos.

As turmas serão constituídas de vinte e cinco meninos, no máximo, nivelados conforme a idade. O número de turmas será determinado de acordo com o espaço físico e recursos disponíveis.

Ao chegarem ao Centro de Criatividade, os meninos receberão o café da manhã, antes de iniciarem as atividades que terão três horas de duração.

Os meninos terão, ainda, acesso às áreas de lazer e recreação do Centro de Criatividade e a eles será servido o almoço, antes de retornarem ao ponto de partida, no centro da cidade.

Os trabalhos feitos pelos meninos serão vendidos à comunidade, no período de férias escolares (julho e janeiro), em exposições feitas com esta finalidade. O lucro arrecadado será revertido em vestuário, para ser distribuído entre os meninos de rua.

Como previsão, uma vez por mês deverão ser convida-

dos artistas plásticos, atores, músicos, escritores, poetas, para que façam palestras, exposições, apresentações e debates.

Será de grande valia, ainda, procurar entrar em contato, sempre que possível, com as famílias dos menores, para que as mesmas tenham oportunidade de conhecer o desenvolvimento do trabalho feito junto ao menor. Assim, será possível uma maior integração dos meninos junto aos familiares e destes com a comunidade.

### 3. Avaliação

A avaliação da proposta será contínua, acompanhando o desenvolvimento das atividades. Para tanto, deverão ser feitas reuniões e encontros periódicos, tanto com os meninos, como com o pessoal envolvido na proposta, para possíveis reformulações e para a apreciação dos resultados obtidos em cada etapa da experiência.

O critério fundamental será a mudança de comportamento dos meninos, em termos dos objetivos da proposta: os resultados alcançados constituirão evidências da validade do trabalho realizado.

## NOTAS DE REFERÊNCIA

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Estatuto. Curitiba. Imprensa Universitária, 1982, p.96.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_, p.97

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_, Regimento. Curitiba. Imprensa Universitária, 1982.

<sup>4</sup> SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Guia curricular de Educação Artística. Estado de Goiás, 1980, p.13.

<sup>5</sup> FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Proposta de reativação do Centro Cultural de Curitiba. Curitiba. 1983. Mimeo.

## CONCLUSÕES

Este estudo constituiu-se do levantamento da problemática do menino de rua, a fim de se conseguir a elaboração de uma proposta alternativa de sua reintegração social.

Mostrou-se, antes de tudo, que a presença desse menino nas ruas deve-se à sua necessidade de trabalho, como estratégia para sobreviver.

Por meio da revisão bibliográfica e, principalmente através do levantamento de dados, ficaram comprovados os pressupostos básicos. O estudo evidenciou que o lugar do menor das ruas, dentro da sociedade, faz com que o mesmo esteja consciente de suas condições de vida e limitações, embora tenha necessidade de sentir-se integrado nos padrões sociais, principalmente em relação ao grupo que lhe confere uma identidade.

Pelas descrições feitas, no decorrer do trabalho, percebe-se que a questão não é fácil de ser equacionada, pela própria situação sócio-econômica da população em geral.

Porém, mesmo sabendo-se que a proposta de arte elaborada não irá resolver todos os problemas do menino de rua, poderá, a mesma, trazer grandes benefícios ao menino, quanto à iniciação para o trabalho, à ampliação de suas potencialidades, à prática educacional do lazer e à sua socialização.

Além do que, de acordo com a proposta, grande con-



tingente da população estudantil entrará em contato com essa realidade, tomando consciência do problema social que é o menor que está nas ruas. E desse conhecimento resultará despertada uma sensibilização que, certamente, levará alguns a buscarem outras alternativas de solução para melhorar a situação daqueles que ainda têm esperança de encontrar um futuro promissor.

Foi apresentada tão somente uma proposta de atividades artísticas, com o objetivo de mostrá-la em profundidade. Porém, nada impede que sejam incluídas na mesma, outras atividades correlatas, tais como, as artes aplicadas, a iniciação às artes industriais e outras.

Ainda poderão ser elaboradas propostas em várias áreas; como exemplo, sugere-se para funcionamento paralelo a esta, uma proposta alternativa em Educação Física, que necessitaria, apenas, do acréscimo de recursos humanos, ou seja, dos estagiários do curso de Educação Física da UFPr.

Várias outras alternativas de atendimento aos meninos de rua, naturalmente, possibilitariam verificar os benefícios que diversas áreas da Educação poderiam trazer a esta classe social que, acima de tudo, sonha sentir-se mais integrada à sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. O menor carente: alguns subsídios para solução do problema. Curitiba, 1978.
- \_\_\_\_\_. A geração do ano 2000. I encontro da delegacia ADESG/PR. Curitiba, 1978.
- ARHEIM, R. Arte y perception visual. Buenos Aires, Eudeba, 1972.
- BARBOSA, A.M.T. Teoria e prática da Educação Artística. São Paulo, Cultrix, 1978.
- \_\_\_\_\_. Arte e educação no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- BARBY, S. e SALÕ, J. Terra, água, ar e fogo. São Paulo, Cultura Espiritual, s/d.
- BASTIDE, R. Arte e sociedade. São Paulo, Martinus, 1965.
- BAUDOIN, C. Psichoanálisis del arte. Buenos Aires, Psique, 1955.
- BERLINCK, M.T. Marginalidade social e relações de classe em São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1975.
- BESSA, M. Artes plásticas entre as crianças. Rio de Janeiro, José Olympio, s/d.
- BOURDIEU, P. e DARBEL, L. L'amour de l'art. Paris, Minuit, 1969.
- BOURDIEU, P. Disposition estétique et compétence artistique. Le temps Modernes, 1971, 295.
- BRANDÃO, Z. et alii. O pré-escolar e as classes desfavorecidas. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, 1981, nº 39.

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 1971.
- BRASIL. Parecer 540/77. Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Educação, Brasília, 1977.
- CADERNOS DO CEAS. Editorial, Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, 1982, 78.
- CARDOSO, A. Direitos do menino. São Paulo, Edições Paulinas, 1980.
- CARNEIRO, G. Um soco na cara. Rev. Brasil Jovem. FUNABEM, 1971, s/nº, 2º trim.
- CARVALHO, I.M.M. A escolarização em famílias da classe trabalhadora. Cadernos do CEAS. Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, 1983, 83.
- CASTELLS, M. Imperialismo y urbanización em America Latina. Ciudad del México, Gustavo Gili, s/d.
- CLÉRO, C. As atividades plásticas na escola e no lazer. São Paulo, Cultrix, 1978.
- CUNHA, R.M.M. Criatividade. Petrópolis, Vozes, 1977.
- DAGOSTIN, Martins. Cidade descalça. Curitiba, Arco-Iris, 1982.
- DUARTE, J.F. Fundamentos estéticos da educação. São Paulo, Cortez, 1981.
- EHRENZWEIG, A. A ordem oculta da arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- FISCHER, E. A necessidade da arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- FERREIRA, R.M.F. Meninos de rua. São Paulo, Ibrex, 1980.
- \_\_\_\_\_. A favela como solução de vida. USP, 1977. Tese mimeo.
- FONTANEL, S.B. A educação artística na ação educativa. Coimbra, Almedina, 1977.
- FUNABEM. Revista Brasil Jovem, 1975, 35.
- \_\_\_\_\_. O "Menor-Problema Social" no Brasil e a ação da Funabem. Brasília, MPAS, 1978.

- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Proposta de reativação do Centro Cultural de Curitiba. Curitiba, 1983. Mimeo.
- GUILLAUME, P. A psicologia da forma. São Paulo, Nacional, 1970.
- HADJINICOLAOU, N. História da arte e movimentos sociais. São Paulo, Martins Fontes, s/d.
- HOLZ, H.H. et alii. Conversando com Lukács. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA AO MENOR. Seminário sobre: Alternativas de atendimento ao menino de rua. Curitiba, dezembro de 1982.
- \_\_\_\_\_. Relatório anual da divisão de educação, Curitiba, 1983.
- KELLY, C. Arte e comunicação. Rio de Janeiro, Agir, 1978.
- \_\_\_\_\_. Reflexões vadias em torno de Arte e Educação. Arte e Educação. Rio de Janeiro, mar. 1971. nº 3.
- KISNERMAN, N. Serviço social de grupo. Petrópolis, Vozes, 1978.
- KOGAN, J. El lenguaje del arte. Buenos Aires, Paidós, 1965.
- KOVARICK, L. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1965.
- KNELLER, G.E. Arte e ciência da criatividade. São Paulo, Ibrasa, 1971.
- LUIGPEN, W. Introdução à fenomenologia existencial. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- MAY, R. A coragem de criar. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- NOVAES, M.H. A dimensão criadora do processo educativo. Arte e Educação. Rio de Janeiro, fev 1971, nº 2.
- OSBORNE, H. Estética e teoria da arte. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PAOLI, M.C.P.M. Desenvolvimento e marginalidade em São Paulo. São Paulo, Pioneira, 1974.
- PICHON, G. O escritor e sua sombra. São Paulo, Nacional, 1969.

- PORCHER, L. Educação Artística - luxo ou necessidade? São Paulo, Summus, 1982.
- READ, H. Educación por el arte. Buenos Aires, Paidós, 1978.
- \_\_\_\_\_. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- REFORMULAÇÃO DE CURRÍCULOS. Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1976, v.1.
- RICHARD, O.H. Arte e educação. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ROMANELLI, O.O. História da Educação no Brasil - 1930-1973. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Guia Curricular de Educação Artística. Estado de Goiás, 1980.
- SCHNEIDER, L. Marginalidade e delinquência juvenil. São Paulo, Cortez, 1982.
- SOURIAU, E. Chaves da estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SOUZA, A.M. Artes plásticas na escola. Rio de Janeiro, Bloch, 1968.
- RODRIGUES, M. Psicologia educacional - uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1978.
- TORRANCE, E.P. Orientación del talento criativo. Buenos Aires, Troquel, 1970.
- UNICEF. Projeto "Meninos de Rua". Brasília. MPAS/UNICEF/SAS/FUNABEM, 1982.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Estatuto. Curitiba, Imprensa Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. Regimento. Curitiba, Imprensa Universitária, 1982.
- VIOLANTE, M.L.U. O dilema do decente malandro. São Paulo, Cortez, 1982.
- ZEZINHO, Pe. Menores abandonados. São Paulo, Edições Paulinas, 1980.

## ANEXO

## ROTEIRO DA ENTREVISTA

## PARTE I

1. Qual é o seu nome? Quantos anos você tem?
2. Onde você mora?
3. Você tem pai e mãe? Mora com eles?
4. O seu pai e a sua mãe trabalham? Em que?
5. E você trabalha? Em que?
6. Por que trabalha? O que faz com o dinheiro que ganha?
7. Onde você come e dorme?
8. Você estuda?
9. Diga três coisas que você não faz, mas gostaria de fazer.
10. O que é que você gostaria de ser quando crescer? Por que?
11. E a vida para você, como é?
12. O que você faz quando está de folga? Qual sua recreação?

## PARTE II

- 1.a. Você já viu alguma coisa em artes?
- 1.b. Onde?
- 1.c. Qual das atividades você mais gosta?

2. Se você fosse convidado para aprender a pintar, desenhar, modelar, aprender música, dança, etc, você iria? Por que?
3. Você trocaria a sua atividade atual por uma atividade artística? Por que?
4. Se os trabalhos que você fizesse pudessem ser vendidos, o que você faria com o dinheiro?
5. No caso de você aceitar a trabalhar nestas atividades você viria:
  - a. de vez em quando?
  - b. sempre que fosse convidado?
  - c. quando quizesse?
6. Você aceitaria trabalhar nestas atividades na própria rua, nas praças ou num local fechado?